ISSN 2359-053x

ANO 8 - NÚMERO 98 - DEZ 2022

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R$ 20

Arte de Capa: Comite Chico Mendes, por Henrique Almeida/ @subvertivo_lab

"SABIA QUE CHEGARIA A MORTE SEM AVISAR PORÉM A MORTE É SEMENTE, QUANDO HÁ UM POVO POR TRÁS"

p. 08

MEMÓRIA
Memórias que guardo de Chico Mendes, meu pai
p. 22

HOMENAGEM
Chico Mendes projetou uma utopia
p. 31

MEMÓRIA
A questão da Amazônia por Chico Mendes
p. 41

JUNTOS A GENTE FAZ O FUTURO BRILHAR

EXERCITE SUA SOLIDARIEDADE!

Sua contribuição vai ajudar famílias e crianças em situação de vulnerabilidade por meio de 25 projetos nas áreas de cultura, esporte, educação e segurança alimentar.

CONHEÇA A CAMPANHA E FAÇA SUA DOAÇÃO!

Aponte a sua câmera para o QR Code e doe via PIX:
CNPJ 34.267.237/0001-55
Federação Nacional das Associações do Pessoal CEF

Ou doe via transferência bancária: Agência: 1041, **Op.:** 003, CC: 50174-4
Federação Nacional das Associações do Pessoal CEF

FENAE APCEF

ONG MORADIA E CIDADANIA
Criada pelos empregados da CAIXA

> ***Parabéns a todos vocês,***
> ***é isso mesmo, companheiros,***
> ***hoje a luta é de todos nós.***
>
> Chico Mendes

COLABORADORES/AS - DEZEMBRO

Ailton Krenak – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Angela Maria Feitoza Mendes** – Ambientalista. **Beatriz Haruka** – Nutricionista. **Binho Marques** – Educador. **Chico Mendes** – Ambientalista *(in memoriam)*. **Cleiton Santos Silva** – Sindicalista. **Davi Kopenawa** – Líder Yanomami. **Eduardo Galeano** – Escritor *(in memoriam)*. **Eduardo Pereira** – Produtor Cultural. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Sader** – Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** – Advogado. **Iêda Leal** – Professora. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **Jacques Pena** – Bancário. **José Bessa Freire** – Professor. **Joseph Weiss** – Pesquisador. **Kleytton Morais** – Sindicalista. **Laysa Rocha Soares** – Pesquisadora. **Leonardo Boff** – Escritor. **Lucélia Santos** – Atriz. **Lúcia Resende** – Professora. **Maria Letícia Marques** – Estudante. **Maria Maia** – Poeta. **Marina Silva** – Ambientalista. **Mauro Oliveira Pires** – Ambientalista. **Peter H. May** – Pesquisador. **Raimundo Mendes Barros** – Seringueiro. **Samuel Leão** – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista (*in memoriam*).
Zezé Weiss – Jornalista. **Ailton Krenak** – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** – Jornalista. **Andréa Luisa Teixeira** – Professora. **Andrea Matos** – Sindicalista. **Ângela Mendes** – Ambientalista. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Binho Marques** – Professor. **Cleiton Silva** – Sindicalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** – Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** – Advogado. **Graça Fleury** – Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** – Poeta. **Iêda Leal** – Educadora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora (*in memoriam*). **Iolanda Rocha** - Professora. **Jacy Afonso** – Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** – Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** – Escritor. **Júlia Feitoza Dias** – Historiadora. **Kleytton Morais** – Sindicalista. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Lucélia Santos** – Atriz. **Lúcia Resende** – Revisora. **Maria Maia** - Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** – Jornalista. **Samuel Pinheiro Guimarães Neto** - Diplomata. **Trajano Jardim** – Jornalista.

CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana – Sindicalista. **Eduardo Pereira** – Produtor Cultural. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** –Economista.

Chegou dezembro e, como em todos os dezembros passados, refletimos sobre a importância e a falta que o Chico Mendes nos faz.

Neste dezembro, em que o Brasil se prepara para retomar o sonho da esperança de uma vida mais feliz, especialmente para os povos da floresta, celebramos a memória e honramos o legado de Chico Mendes.

Para a capa, escolhemos um texto do Gomercindo Rodrigues, nosso conselheiro, escritor e amigo pessoal do Chico Mendes. Ninguém melhor do que o Guma para nos inspirar e emocionar com suas memórias vivas de Chico Mendes.

Outros textos, gravados com o próprio Chico por Lucélia Santos, em maio de 1988, ou depoimentos de amigos e amigas do Chico a Zezé Weiss para o livro *Vozes da Floresta*, complementam a linha mestra desta edição 98 de nossa Revista.

O resto é o de sempre: variedades e notícias socioambientais preparadas com responsabilidade, compromisso e amor pra vocês e pra todo mundo que nos lê.

Bom proveito!

Zezé Weiss – Editora

Jaime Sautchuk – Editor (*in memoriam*)

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-V: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.814.-500 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Como nosso coração se alegra ao ver essa capa [da edição 97, com foto do Lula] anunciando o novo capítulo da nossa história. Parabéns!!!

Eliceuda França – Brasília – DF

Todas as matérias são importantes, mas achei incrível vocês darem valor à Resistência, a cadelinha adotada e que vai morar no Alvorada!

Raquel Camargo – São Caetano do Sul – SP

Gostei muito de colaborar com essa equipe bacana da Revista Xapuri.

Maria Letícia Marques – Ilhéus – BA

Revista Xapuri

Imagem do mês

@revistaxapuri
@emirbocchino

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 98 DEZ 22

08 **CAPA**
"Sabia que chegaria a morte sem avisar
Porém a morte é semente, quando há um povo por trás"

15 **BIODIVERSIDADE**
A árvore que voa

18 **CONJUNTURA**
Rios imaginários diante dos quartéis

22 **MEMÓRIA**
Memórias que guardo de Chico Mendes, meu pai

23 **HOMENAGEM**
Mensagem para as filhas e o filho do Chico Mendes

24 **MEMÓRIA**
Ataque à floresta

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

26 **HOMENAGEM**
Meu amigo Chico Mendes

28 **GASTRONOMIA**
Pão de queijo, pão de beiju

29 **ECOLOGIA**
Memória Verde

30 **MEMÓRIA**
Aliança dos Povos da Floresta

31 **HOMENAGEM**
Chico Mendes projetou uma utopia

32 **POLÍTICA**
Vá embora de vez, capiroto!

33 **MEMÓRIA**
Trazer o PT para o Acre foi coisa do Chico Mendes

34 **CULTURA**
Hino do Seringueiro

35 **MEMÓRIA**
Reservas Extrativistas

36 **MEIO AMBIENTE**
REDD+: desafios da implementação na Amazônia

40 **MITOS E LENDAS**
O causo do Veado, contado por Chico Mendes

41 **MEMÓRIA**
A questão da Amazônia

42 **SAGRADO INDÍGENA**
A comunicação voa

44 **LITERATURA**
Chico Mendes Vive

45 **HOMENAGEM**
Chico Mendes: um filho da floresta, identificado com ela

48 **HOMENAGEM**
Uma afinidade de ser gente da floresta

49 **MEMÓRIA**
Carta do I Encontro dos Povos da Floresta

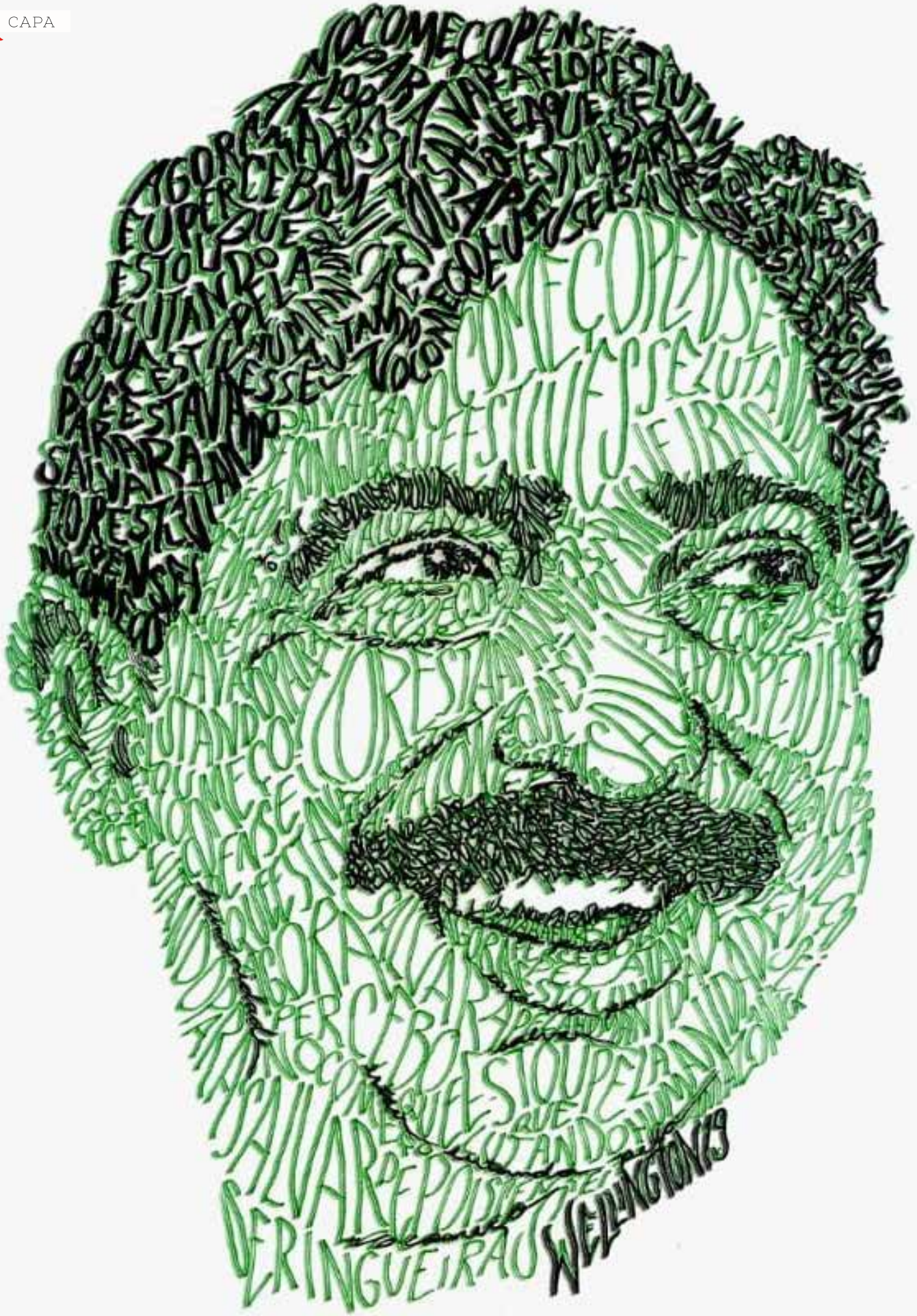


Ilustração: Wellington Martins

"SABIA QUE CHEGARIA A MORTE SEM AVISAR PORÉM A MORTE É SEMENTE, QUANDO HÁ UM POVO POR TRÁS"

Gomercindo Rodrigues

Uma canção nicaraguense que Chico Mendes conhecia, pois foi um dos admiradores da revolução sandinista, diz, ao relatar a morte de um dos seus dirigentes, "... sabia que chegaria, a morte sem avisar...".

Com Chico Mendes não era diferente. Desde 1977, ele vinha recebendo constantes ameaças de morte por parte dos fazendeiros, que se diziam "os principais prejudicados" pelo trabalho de organização dos seringueiros na região de Brasiléia e Xapuri, que tinha por base a realização dos "empates" contra as derrubadas.

Em 21 de julho de 1980, pistoleiros a soldo assassinaram o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, Wilson Pinheiro, primeira grande liderança sindical da região do Vale do Acre, com quem Chico Mendes trabalhava desde 1975.

De acordo com relato do próprio Chico, em depoimento gravado pela atriz e militante Lucélia Santos, em maio de 1988, naquele mesmo dia ele também deveria ter sido morto, só que não foi encontrado pelos assassinos, porque andava de viagem pelo Vale do Juruá, em outra região do estado do Acre.

Após o enterro de Wilson Pinheiro em Brasiléia e, principalmente, depois da morte do testa-de-ferro de fazendeiros na região, conhecido como Nilão, Chico teve de passar cerca de dois meses na semiclandestinidade, dormindo cada dia em um lugar, sendo permanentemente seguido por pistoleiros que aguardavam uma chance de matá-lo.

Por seis vezes, Chico esteve muito próximo de ser assassinado e conseguiu escapar por acaso, mudando trajetos de deslocamentos ou simplesmente adiando, por outros motivos, viagens já marcadas. Outras vezes, avisado de que havia emboscada armada, Chico mudava a direção.

Todos os anos as ameaças se repetiam, principalmente na época das derrubadas, em função da resistência organizada dos trabalhadores. Em um registro feito numa agenda de 1987, Chico Mendes anotou no quadro do dia 10 de agosto: "2 horas da madrugada, ameaças, tentativa pelo girau (local onde se lavam utensílios de cozinha) do Sindicato".

Naquela madrugada em que, por sorte, Chico não estava sozinho na sede do STR em Xapuri, alguém tentou invadir o Sindicato pulando pela janela do girau. Só não conseguiu porque a madeira, apodrecida, cedeu sob o peso do pistoleiro, que fugiu, deixando as marcas de seus pés na lama existente embaixo da janela.

Poucas semanas antes de ser assassinado com um tiro de escopeta, no quintal de sua casa, em Xapuri, em 22 de dezembro de 1988, Chico Mendes deixou um bilhete para uma amiga no Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), em Rio Branco, dizendo que fora seguido o dia todo por pistoleiros.

Chico sabia que estava "marcado para morrer" e denunciou sua morte amplamente anunciada durante todo o ano de 1988 – foram enviadas não poucas correspondências a autoridades do Acre e federais. A imprensa e os políticos acreanos encaravam tais registros como de alguém que queria ficar em evidência na mídia.

A cada vez que proferia uma palestra, durante o ano de 1988, ao viajar de volta para o Acre, Chico sempre se despedia dos amigos como se fosse a última vez que os veria. Isso ficou muito patente nas palestras proferidas em Piracicaba, no estado de São Paulo (7 de dezembro), e na cidade do Rio de Janeiro (9 de dezembro), quando, ao falar das ameaças de morte, frisou que talvez estivesse voltando para sua terra para ser morto.

Como na música em homenagem ao revolucionário sandinista comandante Gaspar: "... sabia que chegaria, a morte sem avisar, porém a morte é semente quando há um povo por trás...".

MILITÂNCIA E RESISTÊNCIA

Os primeiros tempos de Chico Mendes como liderança sindical coincidem com a realização dos primeiros "empates" dos seringueiros contra a derrubada de suas florestas, que resultaram em um enfrentamento cada vez mais acirrado com os fazendeiros que invadiam, desmatavam e devastavam os seringais acreanos.

Essa situação de permanente convivência com o conflito ajudou-o a fortalecer seu caráter de líder sindical coerente, duro quando necessário, mas ao mesmo tempo capaz de negociar em pé de igualdade com seus inimigos, característica, aliás, que nem seus maiores adversários políticos negam.

Foi do trabalho como liderança sindical que surgiu a possibilidade do Chico se candidatar – e se eleger – como vereador (1º de fevereiro de 1977 a 30 de novembro 1982) pelo partido da oposição, o MDB, no município de Xapuri. Desde o início de seu mandato, Chico tenta fazer com que sua ação como parlamentar sirva como ponto de denúncia para a situação de violência e exploração que enfrentavam os seringueiros.

Por esse modo de atuar fica, no

início, marginalizado inclusive dentro de seu partido, sendo ameaçado de cassação de mandato e forçado a "maneirar" mais sua atuação. Ainda em 1977, por seu trabalho em defesa dos povos da floresta, surgem as primeiras ameaças de morte contra Chico Mendes.

Na primeira sessão do ano legislativo de 1979, conseguiu eleger-se vice-presidente do Parlamento municipal. O presidente eleito pertencia ao partido apoiado pela ditadura, a ARENA e, no dia seguinte, tendo em vista a destituição do prefeito nomeado, assumiu interinamente o Executivo municipal, permanecendo como prefeito em exercício até o início do ano seguinte, quando foi empossado o novo prefeito nomeado.

Assim, Chico Mendes assumiu a presidência do Legislativo municipal no dia 2 de março de 1979, permanecendo no cargo até 29 de novembro do mesmo ano, quando foi forçado a renunciar para não perder o mandato.

No dia 7 de abril de 1979, fez um duro pronunciamento, em que enfatizou que "os políticos acreanos parece que esqueceram seus compromissos assumidos para com o povo às vésperas da última eleição. Tinham eles prometido lutar por uma melhor estrutura agrária em favor do homem do campo e até agora tudo neutralizado, nenhuma esperança para o seringueiro, e o que se nota é as constantes injustiças aos seringueiros".

Continuando, teceu críticas aos órgãos de competência a zelar pela referida causa. "Senhores não devemos chorar mais tarde os atos de violência por causa da omissão das competentes autoridades que não agiram em tempo em proveito da justiça" (transcrito com a redação conforme constante na Ata da 8ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Xapuri).

O próprio Chico Mendes, nove anos mais tarde, viria a ser uma das vítimas dos "atos de violência" sobre os quais já alertava as autoridades muito tempo antes deles ocorrerem. Importante ressaltar que a omissão das autoridades continuou por anos a fio, somente vindo a encontrar eco as palavras de Chico quando ele foi a vítima.

Como presidente em exercício da Câmara Municipal, além dos pronunciamentos que fazia desde o primeiro mês de mandato como vereador, no dia 17 de novembro promoveu, no Parlamento municipal, uma grande reunião com seringueiros e trabalhadores rurais para discutir os desmatamentos, a violência e a superexploração dos seringueiros.

A reunião contou com a participação de outros vereadores, e um deles, João Simão, teria sido vaiado. Magoado com a situação, embora fossem ambos do mesmo partido, Simão entrou com representação para cassação do mandato de Chico Mendes.

Na sessão do dia 23 de novembro de 1979, Chico Mendes teve contra si, além da representação de Simão, o pronunciamento contrário de praticamente todos os vereadores que o criticavam por ter cedido a Câmara para a reunião com seringueiros.

Sob pressão e após muita negociação, Chico Mendes apresentou seu pedido de renúncia ao cargo de vice-presidente da Câmara, devidamente acatado. Com isso, a representação foi arquivada.

É interessante registrar que, embora forçado a renunciar à vice-presidência da Câmara Municipal, quando seu mandato na mesa iria até o início de 1981, na eleição seguinte para a mesa diretora – biênio janeiro de 1981/janeiro de 1983 – , Chico Mendes foi novamente eleito, dessa vez para o cargo de secretário, contando com o apoio total da bancada do PDS e sem os votos de seus dois ex-companheiros de partido, no caso Wagner Bacelar e João Simão.

Com a pressão gerada por seu trabalho, Chico Mendes enfrentou os primeiros e duros interrogatórios realizados pela Polícia Federal, coordenados, já nessa época, por um personagem que mais tarde reapareceria de forma trágica na vida – e morte – de Chico Mendes: o delegado Mauro Spósito. Nunca gostou de falar sobre os "interrogatórios" que respondera secretamente nas dependências do Hotel Xapuri, que era de propriedade do município. Segundo ele, foram horas a fio de "interrogatórios" extenuantes e violentos.

Chico Mendes continuou como vereador e, como tal, sempre denunciou as violências contra os seringueiros e reforçou a atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.

Nesse período, foi fundamental a assessoria prestada por alguns padres progressistas da Igreja Católica que foram vigários na cidade naquela época: os padres Destro, Cláudio e Luciano.

UM LÍDER À FRENTE DE SEU TEMPO

Como vereador, Chico Mendes foi, sem nenhuma dúvida, um político muito à frente de seu tempo. Já em 1977, em plena ditadura, quando começava a "distensão", fez vários discursos apoiando a atuação da Contag e a criação do próprio Sindicato dos Trabalhadores de Xapuri.

Também, durante todo o seu mandato, fez inúmeros pronunciamentos denunciando a situação humilhante e o abandono dos seringueiros, bem como as expulsões das posses, inclusive com a atuação da polícia, além de falar contra a devastação da Amazônia, cobrando uma política de preservação da floresta.

Falar em preservação da Amazônia no final dos anos 1970 era algo bastante novo, especialmente quando isso ocorria não no debate de estudantes universitários dos grandes centros urbanos, mas em uma pequena cidade situada dentro da própria floresta.

Em várias oportunidades, Chico Mendes também usou a tribuna para denunciar os desmatamentos, a violência contra seringueiros,

a "violação dos direitos humanos" praticada por policiais militares etc.

No dia 2 de maio de 1980, Chico Mendes anunciou seu desligamento do partido e sua filiação ao Partido dos Trabalhadores, sendo o primeiro vereador acreano filiado ao PT.

Os fragmentos de seus discursos transcritos – parece que os pronunciamentos integrais não podem ser recuperados – dariam um belíssimo livro do próprio Chico, e tais trechos mostram não só que era coerente com suas posições, que as defendia com firmeza, mas sobretudo que pôs em discussão temas que ainda "engatinhavam" em nível nacional, como a questão da devastação da floresta amazônica.

Chico assumiu de forma decidida o mandato de vereador para colocá-lo a serviço dos trabalhadores rurais e, embora tenha feito indicações, criticado problemas administrativos municipais, a condição das ruas, da energia elétrica, do abastecimento da água de Xapuri, centrou forças para divulgar a real situação dos seringueiros.

Denunciou as violências, sofreu ameaças por sua atuação, mas, como repetiu várias vezes, "continuou sempre na luta" em defesa dos mais humildes, dos trabalhadores rurais, dos seringueiros...

ACIMA DE TUDO, UM MILITANTE

Depois de sua morte, Chico Mendes passou muito mais a ser um "mártir ecológico", no sentido quase pejorativo e despolitizado da expressão, do que um "militante político". Essa confusão precisa ser desfeita até como um reparo à memória dele, que fez do seu dia a dia uma permanente militância política.

Quando de sua primeira participação como candidato a vereador, Chico procurou o único partido que, naquela época, fazia oposição à ditadura militar.

Em 1979, Chico Mendes já podia ser chamado de um "militante de esquerda", pois sua atuação como vereador e a liderança dos seringueiros eram frontalmente contra os interesses dos grandes fazendeiros e dos políticos tradicionais da época – a prioridade eram os interesses dos trabalhadores.

Chico adere ao PT desde o princípio. Durante todos os seus anos de militância política, atuou não só como filiado a um partido, mas também como dirigente sindical. Foi fundador e primeiro-secretário do STR de Brasileia, depois fundador da Central Única dos Trabalhadores, de cuja direção nacional era suplente quando foi assassinado, presidente do STR de Xapuri e fundador do Conselho Nacional de Seringueiros (CNS).

Sua militância expressou-se não poucas vezes nos debates com os próprios trabalhadores rurais, nas assembleias do STR de Xapuri, nas reuniões que precediam aos "empates", falando sempre de um projeto de sociedade, interpretando a luta de classes a partir da realidade regional. Por isso era respeitado local e nacionalmente.

Seu engajamento rendeu-lhe processo com base na Lei de Segurança Nacional, junto com Lula e outros sindicalistas que estavam fundando o Partido dos Trabalhadores. Foi absolvido duas vezes, em primeira e segunda instância.

Dois meses antes de ser assassinado, fez uma afirmação que colocava sua posição naquele momento, quando se tornara um "ecologista" conhecido, muito mais do que um dirigente sindical. A palavra "ecologia" não fazia parte do dicionário dos seringueiros. Era algo estranho.

No entanto, a luta deles era, e continua sendo, uma luta em defesa da Amazônia, pois isso era defender o pão de cada dia. Defender a floresta, para os seringueiros, é muito mais do que defender o "verde" porque é belo, ou o ar que se respira, é defender o local onde eles sobrevivem e de onde retiram seu sustento.

A origem da palavra "ecologia" vem do grego "oikos", que significa "casa", ou seja, seria o "estudo da nossa casa", numa definição etimológica. Assim, os seringueiros, embora não soubessem o significado da palavra, eram "ecologistas" radicais, defendiam, como defendem até hoje, suas casas, nestas incluída a floresta. É a ecologia levada à radicalidade.

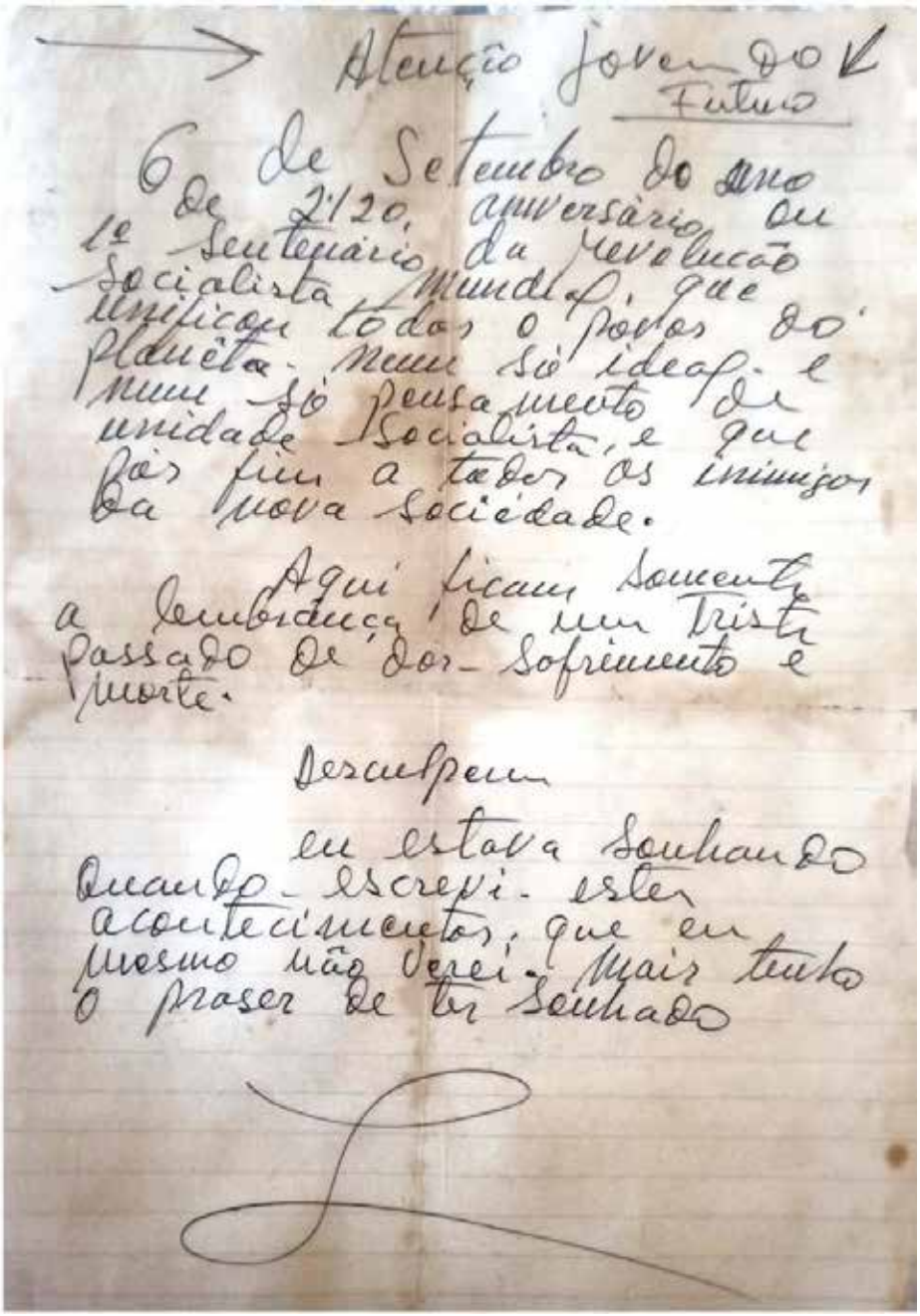
A forma de luta dos seringueiros, desde a participação de Wilson Pinheiro, de Chico Mendes e de outras lideranças que não estão vivas para contar a história, traz, sim, embutida, uma proposta de sociedade nova, em que não haja exploração nem violência. Esse conceito, Chico Mendes verbalizou inúmeras vezes.

O enfrentamento com os fazendeiros era entendido como um enfrentamento de classes, no qual o capital era representado pelos ricos fazendeiros, pelos grandes grupos econômicos, e o trabalho tinha como seus representantes os posseiros, os seringueiros, aqueles que tinham, e têm, somente a sua força de trabalho.

Pode parecer muito distante da realidade dos seringueiros, e efetivamente o era. Eram conceitos que, de forma abstrata, pareciam difíceis de ser absorvidos, mas traduzidos nos enfrentamentos do dia a dia, dos "empates", da luta para que cada posseiro continuasse em sua colocação, ficava fácil de ser entendido... E isso Chico Mendes sabia fazer como ninguém.

Afinal de contas, não era difícil discutir com os seringueiros o porquê da violência, de a Justiça estar sempre ao lado dos poderosos, a ponto de pôr policiais militares para "proteger" os desmatamentos, além de, sempre, expulsar o posseiro e dar o direito ao "proprietário", mesmo que, muitas vezes, não se fizesse uma análise mais detalhada da "documentação" da terra.

Chico Mendes não era um "político de ocasião". Era um militante . político 24 horas por dia, sete dias por semana, e mostra-



Atenção jovem do Futuro

6 de Setembro do ano 2120, aniversário do 1º Centenário da Revolução Socialista Mundial, que unificou todos os povos do planeta. Numa só ideal e numa só pensamento de unidade Socialista, e que pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade.

Aqui ficam somente a lembrança de um triste passado de dor - sofrimento e morte.

Desculpem eu estava sonhando quando escrevi. estes acontecimentos, que eu mesmo não verei. Mais tenho o praser de ter sonhado

va isso onde quer que estivesse, fosse numa reunião com seringueiros dentro do seringal, fosse nas assembleias gerais do STR de Xapuri e, depois, nos encontros regionais de seringueiros, fosse nas palestras que proferiu.

BILHETE PARA A JUVENTUDE

O homem da floresta escrevia sempre que podia. Registrava suas reclamações por escrito. Era uma forma de mostrar que não tinha medo de assumir a responsabilidade daquilo que denunciava. Era, também, um ato de cidadania.

Antes de ser assassinado, escreveu vários artigos, alguns deles foram publicados especialmente pelos jornais Folha do Acre e A Gazeta. Escreveu inúmeras correspondências para autoridades (governador, superintendente da Polícia Federal, juiz da Comarca de Xapuri, secretário de Segurança Pública, entre outros) avisando que estava marcado para morrer, que havia risco concreto de ser assassinado. Não foi levado a sério...

Mas não era somente para autoridades que Chico Mendes escrevia. Também mandava mensagens por escrito para os delegados sindicais, escreveu para entidades não governamentais pedindo ajuda para o movimento dos seringueiros ou denunciando as ameaças de morte.

No Ventania, um jornalzinho mimeografado, publicado sem periodicidade definida pelo Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores, escrevia muitos textos, especialmente pequenas notas, as "curtas", muito lidas e comentadas, em que atacava violentamente o então prefeito de Xapuri.

O próprio texto, que depois se tornou o "testamento" de Chico Mendes, aquele destinado ao "jovem do futuro", foi escrito enquanto tentava fazer uma ligação interurbana na noite de 6 de setembro de 1988. Escreveu-o e deixou pregado com fita adesiva sobre o meu telefone.

Achei o texto fantástico e o guardei. Cometi apenas um erro: não pedi que ele o assinasse. Foi uma pena, pois tenho o original do texto que não tem sua assinatura, mas sua letra é inconfundível.

CHICO MENDES HERÓI DO BRASIL

Nos 34 anos da partida forçada de Chico Mendes do espaço físico deste mundo, encerro esta homenagem ao meu amigo Chico Mendes com o texto que se segue, contribuição do presidente Lula para o livro Vozes da Floresta, lançado pela jornalista e militante Zezé Weiss, editora da Revista Xapuri, durante as celebrações dos 20 anos do assassinato de Chico Mendes, em dezembro de 2008:

Chico talvez nem soubesse o que queria dizer ecologia e muito menos holocausto ecológico quando começou sua romaria pela floresta, para organizar a peãozada dos

seringueiros. Primeiro, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais [de Brasiléia, em 1975, e Xapuri, em 1977] e, mais tarde, para criar o PT.

Nessas caminhadas pela mata, ele acabou juntando numa bandeira só a luta ecológica, a luta sindical e a luta partidária, porque sabia que elas são indissolúveis: uma alimenta a outra no mesmo ciclo de vida na floresta. E, feito inimaginável naquele tempo, para defender as mesmas lutas, sob a mesma bandeira, Chico liderou a união de índios, ribeirinhos e seringueiros na grande Aliança dos Povos da Floresta.

Quando estive em Xapuri, no Acre, para ajudar na campanha do Chico a prefeito, em 1985, a barra já estava pesando. Os fazendeiros do Centro-Sul do Brasil, que tinham invadido a região, não escondiam de ninguém que ele estava marcado para morrer. Logo o Chico, que foi um dos mais apaixonados defensores da vida que já conheci, homem tão puro e tão limpo como a água da chuva da mata, que foi sua companheira inseparável.

É em memória de todos os companeiros e comanheiras que, como o Chico, tombaram em defesa da terra, da floresta e da vida, que seguimos lutando para implantar no Brasil as políticas públicas sonhadas por ele. Políticas públicas voltadas para a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável capaz de gerar riquezas para o País e para os povos da floresta e, ao mesmo tempo, de preservar a nossa Amazônia [em pé] para as gerações presentes e futuras.

Lá num cantinho do céu, Chico hoje deve estar feliz por saber que, nesses últimos 34 anos, nem nós esmorecemos, nem seu trabalho deixou de ser multiplicado por nosso Brasil afora. Nós hoje [seguimos firmes, na luta] por um Acre melhor, uma Amazônia melhor e por um Brasil melhor.

Como companheiro, celebro as vitórias alcançadas por todos nós a partir dos empates de Xapuri. Como brasileiro, celebro Chico Mendes, herói do Brasil, por continuar servindo de norte para a nossa luta por dias ainda melhores para todos [e todas] nós e, especialmente, para os povos da Floresta.

Luiz Inácio Lula da Silva, companheiro de Chico Mendes, pela terceira vez eleito presidente do Brasil, em 30 de outubro de 2022.

Gomercindo Rodrigues – Advogado. Assessor e amigo pessoal de Chico Mendes. Membro do Comitê Chico Mendes e do Conselho Editorial da Revista Xapuri. Esta matéria de capa da Xapuri 98, edição de dezembro de 2022, em homenagem à memória e em respeito ao legado de Chico Mendes, resume o capítulo 3 do livro Caminhando na Floresta, (Editoras UFAC-Xapuri, 2009), publicado em inglês pela Editora da Universidade do Texas com o título Walking into the Forest with Chico Mendes, com tradução de Linda Rabben.

Foto: Divulgação/ Araquém Alcântara

A ÁRVORE QUE VOA

Elson Martins

Enorme, ela caiu do céu numa tarde quente de verão amazônico imersa numa nuvem de algodão. Eu a vi pousar no meio de um lago de floresta densa. Acompanhei sua descida suave e então a coloquei na palma da mão, plantando-a num vaso com estrume.

Eu morava na Chácara do Ipê, condomínio afastado do centro de Rio Branco, numa casa com quintal amplo e piscina, que vendi em 1991 a um amigo. Da piscina, observei o floco branco caindo do céu azul.

A cena era comum nos seringais: identifiquei a sementinha no meio do floco e a retirei para plantar. Depois, voltei ao banho e ao trabalho. Três meses depois, minha mulher me chamou a atenção: "A semente nasceu!".

A pequena Samaúma estava com 30 centímetros de altura, mas já com ares de rainha. Escolhi um lugar no quintal, longe da casa, transplantando a muda para a terra. E a pequena árvore cresceu.

Ao vender a casa, fiz exigência: "Vamos colocar no contrato que é proibido derrubar a Samaúma". A tal cláusula nunca existiu de verdade, mas o novo proprietário passou a cuidar da *Ceiba pentandra* (como os cientistas denominam a espécie) com zelo e carinho.

A árvore cresceu imponente e bela, destacando-se entre os velhos ipês que cercam a residência. Tanto que algumas mentes temerosas passaram a assustar o novo proprietário: "Derruba, ela vai acabar com o teu muro... a raiz dela não resiste a uma tempestade"!

Pode ser, e eu não vou desejar um mal desse ao amigo. Mas acho que ele pode deixá-la chegar à fase adulta, como um monumento que, orgulhoso, exibirá aos convidados e às crianças. Tem tempo para isso, o que um bom técnico poderá atestar sobre como preservá-la sem riscos.

Sei que a Samaúma atinge 60 metros de altura, possui um tronco com diâmetro de três metros e meio e uma copa de 22 metros. Suas raízes não penetram o solo a fundo, mas tecem uma malha à cata de húmus com alguns tentáculos de mais de 500 metros que servem também de alicerce.

Possuindo fibras delicadas, dos galhos às raízes, chamadas sapupemas, de onde se extrai uma água cristalina e boa para beber, a Samaúma é considerada uma árvore sagrada da Amazônia. Ela cresce nas margens dos rios, junto aos lagos ou no coração da mata densa, servindo de bússola para os povos da floresta.

Na minha infância, sempre tive olhos para essa árvore que voa. Ficava abismado com a semente preta e minúscula (também comestível), à semelhança de um amendoim torradinho, que paira sobre a floresta e os rios na sua nave tenra, sabe-se lá quanto tempo. Como se a mãe natureza a espalhasse pelas florestas do mundo, plantando-a nos locais mais inacessíveis ao ser humano.

Os indígenas Huni Kuim (Kaxinawá) afirmam que a Samaúma tem espírito, ou que o espírito vive dentro dela. Apenas os pajés têm o direito de apreciá-la de perto. Os não índios costumam descansar no seu dorso e imaginar seu voo, certamente à procura de um lugar fértil na terra e na consciência das pessoas! v

Elson Martins - Escritor amazônida. Conselheiro da Revista Xapuri, em "Acre: Um Estado de Espírito". Editora Xapuri (contato@xapuri.info), 2022.

UM COPO D'ÁGUA, POR FAVOR!

É tempo de assegurar dignidade a milhões de famílias brasileiras, ao superar o desastre Bolsonaro

Jacques Pena e Kleytton Morais

Parece ser um pedido simples de resolver. Mas não é! Quem afirma isto é o relatório conjunto da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a infância (UNICEF). O documento revela que cerca de 3 bilhões de pessoas em todo o mundo não têm como lavar as mãos, cerca de 2,2 bilhões não têm acesso à água potável. Segundo o relatório, com a pandemia da Covid-19, a situação foi agravada e trouxe luz a um problema urgente: dificuldade do acesso universal à água potável para beber, cozinhar, para o saneamento e a higiene pessoal. O alcance a esses direitos só será possível se os países criarem políticas que garantam o acesso à água e ao saneamento, traduzido no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) de número 6, que deve ser alcançado até 2030. (Fonte: Organizações das Nações Unidas – ONU)

Durante os governos do PT, o acesso à água teve tratamento priorizado, entre as ações promovidas destacam-se: o Plano Decenal da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, que previa a transposição, uma das maiores obras de combate à seca do mundo, levando água a 12 milhões de pessoas; e o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Água – Água para Todos, do Plano Brasil sem Miséria. O Programa tinha como meta promover o acesso à água potável, para consumo humano, produção agrícola e alimentar. Dentro dos objetivos previstos, a reaplicação da Tecnologia Social Cisterna de Placas foi assertiva no combate à escassez de água para o consumo humano no semiárido brasileiro. O semiárido brasileiro é um bioma que, com essas características, é um dos mais povoados do mundo. Ocupa 12% do território nacional, abrange nove estados da região Nordeste, passando pelo norte de Minas Gerais e possui cerca de 28 milhões de habitantes. (Fonte: Instituto Nacional do Semiárido – INSA).

A cisterna de placas é um reservatório construído para captar e armazenar água da chuva de forma simples, tem capacidade para 16 mil litros, suficientes para abastecer uma família de cinco pessoas por até oito meses. A sua construção é realizada com a interação da comunidade, o que a transforma em Tecnologia Social. Pedreiros da região são capacitados para construir e fazer manutenções na cisterna. Os materiais utilizados são adquiridos no comércio local, movimentando a economia. Com uma imensa possibilidade de al-

cance social, a cisterna de placas foi adotada como política pública do Programa Água Para Todos.

A Fundação Banco do Brasil (FBB) teve um papel fundamental na contribuição da solução do problema da convivência com o semiárido brasileiro e no fortalecimento da agricultura familiar. Em parceria com o Governo Federal e o Banco Nacional de Desenvolvimento Social – BNDES, possibilitou a reaplicação, como política pública coordenada pela Fundação, da Cisterna de Placas e, também, das Cisternas Calçadão e de Enxurrada, que são Tecnologias Sociais para captação e armazenamento de água pluvial destinada ao consumo de pequenos animais e plantio de hortaliças. A parceria entregou 100 mil unidades e levou água potável a 400 mil famílias brasileiras.

A DESIDRATAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Enquanto Lula, um nordestino que foi vítima da seca, criou políticas públicas que se tornaram referências mundiais e que levaram água a milhões de pessoas, Bolsonaro empenhou-se veementemente em destruí-las.

Foram quatro anos negligenciando a convivência com o semiárido brasileiro. Seu desgoverno esvaziou o orçamento para a construção de cisternas e reativou a "indústria da seca" com fins eleitoreiros. Criou a "Força-tarefa das águas", gastando R$ 1,2 bilhão em licitações irregulares para furar poços sem água.

Como forma desesperada de tentar angariar os votos dos nordestinos, Bolsonaro inaugurou trechos da transposição do Rio São Francisco, fazendo apropriação indevida da autoria da obra. Às vésperas do segundo turno das eleições, em atitude vexatória, inaugurou o Ramal do Agreste, uma obra hídrica sem água, na cidade de Sertânia (PE), que levaria água para 68 municípios da região. No entanto, o funcionamento do ramal dependia de uma outra obra, a da Adutora do Agreste, que está parada porque o seu próprio governo vetou os recursos para concluí-la.

Após sua derrota nas eleições, o ex-capitão promove uma retaliação ao povo nordestino. Em uma atitude desumana, ele suspendeu a Operação Carro-pipa. A parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Regional com o Exército Brasileiro, há 20 anos leva água potável para 1,6 milhão de pessoas, que vivem em estado de calamidade pública por estiagem ou seca, no semiárido brasileiro. A justificativa para tamanha crueldade é a falta de verba, mas essa conduta é um reflexo do seu descontentamento por ter obtido apenas 23,51% dos votos na região, ante os 53,18% de Luiz Inácio Lula da Silva.

E por último, no apagar das luzes, o assombroso desvio de quase R$ 1 bilhão para a inócua, inoportuna e absurda compra de caixas d'água plásticas, ratifica que Bolsonaro e o bolsonarismo andam de costas para o Brasil.

SEDE DE ESPERANÇA

Para os próximos anos, o presidente Lula e sua equipe enfrentarão enormes desafios para recuperar o Brasil e devolver a dignidade ao seu povo. Além da fase delicada de emergência climática que o planeta atravessa, um problema em que o Brasil precisa voltar a atuar fortemente, o governo receberá um país que voltou ao mapa da fome, onde mais de 33 milhões de pessoas estão em situação de insegurança alimentar grave.

O olhar para o acesso à água é inevitável e está entre as ações para os próximos anos, para garantir a segurança hídrica e alimentar dos que mais precisam. Segundo a Articulação Semiárido Brasileiro – ASA, o governo Bolsonaro destruiu o programa Água para Todos, que construiu de 1,3 milhão de reservatórios. Atualmente existe uma demanda reprimida de 350 mil famílias sem acesso à água de beber no semiárido brasileiro e uma estimativa de que 800 mil famílias necessitam de água para produção de alimentos.

A água é um recurso fundamental à vida e já inspirou diversos artistas e compositores. Os versos "Traga-me um copo d'água, tenho sede. E essa sede pode me matar. Minha garganta pede um pouco d'água. E os meus olhos pedem teu olhar.", são parte da música 'Tenho sede', escrita por Dominguinhos e Anastácia, em 1976. Imortalizada pelo cantor baiano e ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, a canção é atemporal e traduz em seus versos um manifesto de um povo que foi abandonado pelo poder público, durante quatro longos anos.

O governo Lula ressurge, diante de um cenário caótico, para matar a sede de esperança do povo brasileiro. Um governo que resgatará o respeito cultural, alicerçado a partir de um consequente diálogo com os movimentos sociais, de forma a ouvir as demandas sociais. Em busca de valorizar e potencializar as ferramentas para implementação de efetivas políticas públicas a partir de parcerias, por exemplo, com o Banco do Brasil, outros bancos públicos e estatais, tendo a Fundação Banco do Brasil e a excelência de seus quadros funcionais o papel de articular e viabilizar os compromissos com os que mais precisam.

Kleytton Morais - Presidente do Sindicato dos Bancários do Distrito Federal.

Jacques Pena – Ex-Presidente do Banco de Brasília - BRB. Ex-Presidente da Fundação Banco do Brasil. Ex-Secretário de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal e Ex-Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.

RIOS IMAGINÁRIOS DIANTE DOS QUARTÉIS

José Bessa Freire

"Of course, it´s absurd.
But absurd has to mean something, doesn´t it?"
Benjamin Patterson. 1983

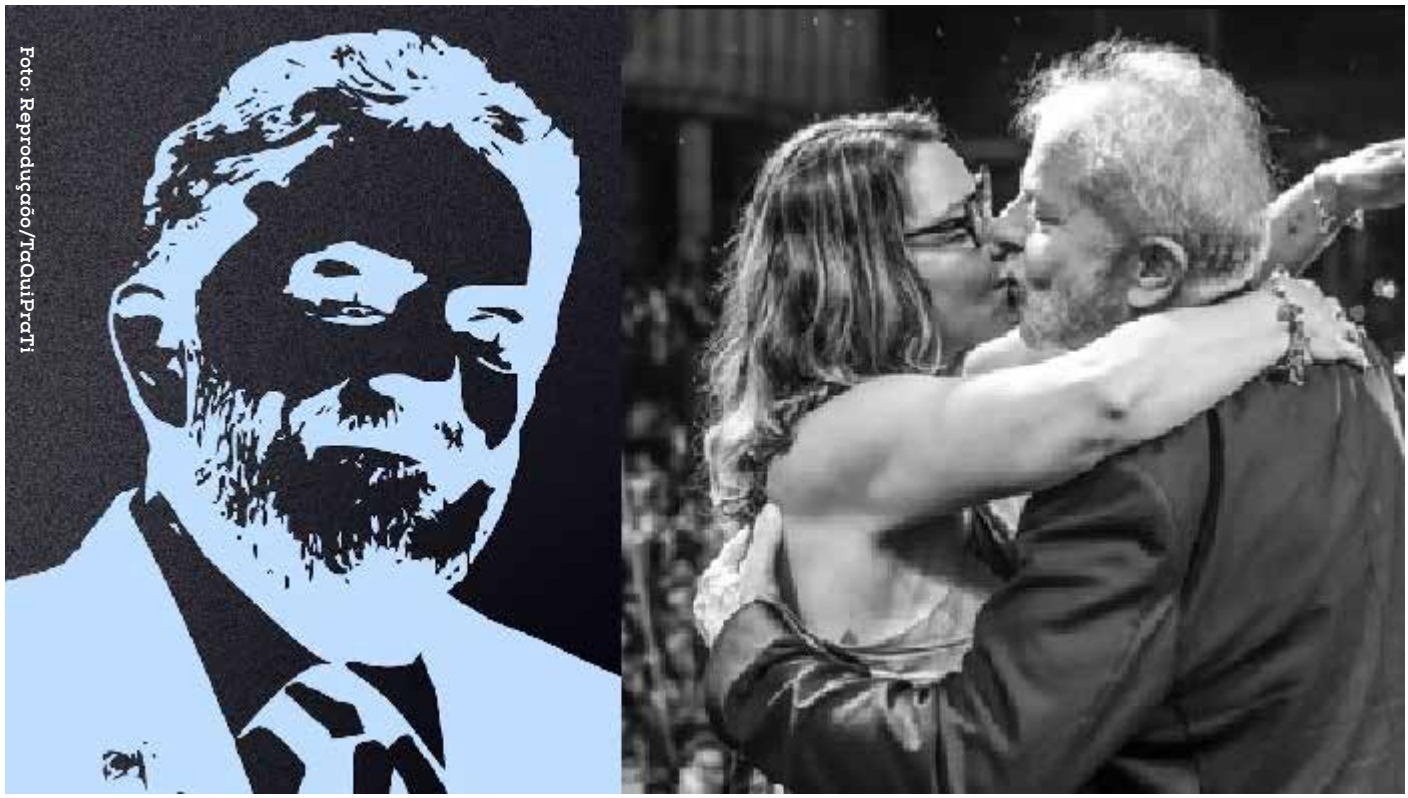


Foto: Reprodução/TaOuiPraTi

Quem beijou Janja: Lula ou seu sósia? E quem nos garante que a mulher beijada era mesmo a socióloga Rosângela da Silva e não sua dublê?

Essa gente pirou de vez. Em Porto Alegre, manifestantes na frente do quartel, com celular na cabeça e lanterna acesa apontada ao céu, apelam aos "extraterrestres" para que impeçam a posse de Lula. Um cartaz iluminado diz: SOS FA. Pedido de Socorro às Forças Armadas ou confissão de que estão sós e isolados? Uma mulher implora: "Olha pra nós, general".

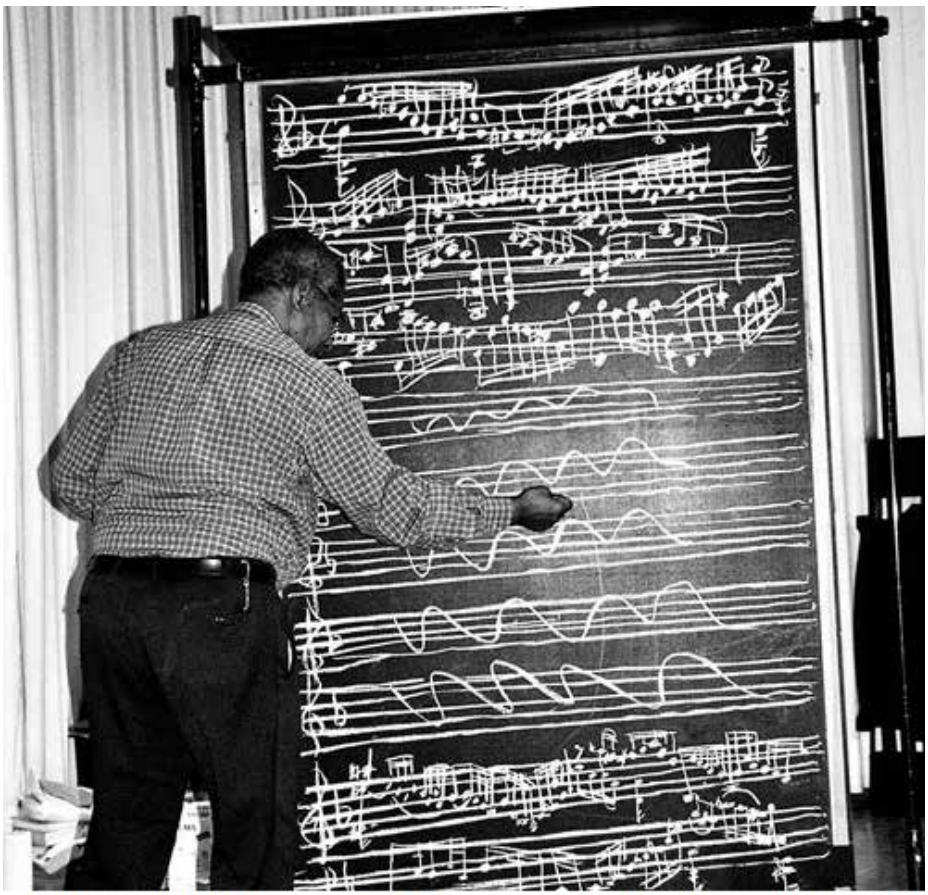
Quem olha é o general Braga Netto, candidato derrotado a vice-presidente, que encontra apoiadores do Coiso, com camisetas amarelas e bandeiras do Brasil. Eles estão acampados em frente ao Quartel General do Exército no Setor Militar Urbano (SMU), em Brasília e pedem um golpe militar. O general, enigmático, diz: "Não percam a fé. É só o que posso falar agora".

Os extraterrestres nada ouvem. Por via das dúvidas, no domingo (20), os manifestantes usam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Mas os ETs também não podem "falar agora". No entanto, incitada pelo general, a "tropa crédula" acha a fé perdida e fura a grande mídia com a "notícia" espetacular de que Lula morreu e foi trocado por um sósia, que usa máscara de silicone criada pela Globo – um canal de TV "comunista", como todo mundo sabe.

Os detalhes são tão precisos que não deixam dúvidas: o pastor Sandro teria cópia do atestado do óbito ocorrido no sábado, às 21h45. O corpo embalsamado de Lula estaria escondido no 6º andar do Hospital Sírio-Libanês. Quem confirma é o vice-prefeito de Angra dos Reis (RJ), Christiano Alvernaz (Republicanos), que invoca para isso a sua autoridade de médico:

– Muito estranha essa operação do Lula no Hospital Sírio-Libanês para retirar uma leucoplasia nas cordas vocais e depois dizer que, para poupar a voz, só se comunica por mensagem escrita. Mas a operação na parte onde ele tinha o nódulo não atinge a prega vocal. Pelo amor de Deus! Eu sou médico e conheço anatomia – ele posta no twitter.

Foto: Reprodução/TaQuiPraTi



Benjamin Patterson: "Of course, it`s absurd. But absurd has to mean something, doesn´t it?"

A NOÇÃO DO ABSURDO

O espantoso é que o Sírio-Libanês seja obrigado a emitir nota oficial para desmentir tamanhos absurdos, que são filmados, viralizam nas redes sociais e acabam virando tema de piadas. Parecem sem sentido. Será?

Não é o que pensa o músico estadunidense Benjamin Patterson. Sua performance na 17ª Bienal de São Paulo, em 1983, foi considerada por alguém como absurda. "Tudo bem" – ele disse – "é um absurdo. Mas o absurdo tem que significar alguma coisa, não é mesmo?"

Afinal, o que significa a conduta doentia dos inconformados com a derrota eleitoral? Confesso que não sei. Freud explica? Explica sim. A histeria é de ordem psicológica e não orgânica – ele diz. Num texto sobre a psicologia das massas, o pai da psicanálise discute a estratégia publicitária do fascismo, que consiste em confundir as pessoas, incapacitando-as de distinguir a verdade da mentira. Tal confusão mental ajuda a atacar e eliminar o inimigo. Ninguém é mais ele mesmo, mas um outro.

Os manifestantes desconfiam da nota do Sírio-Libanês. E aí, como convencer do contrário alguém que acredita piamente na morte de Lula e em seu sósia? Mostrar fotos? Apelar para a razão? Consultar a Janja? Nikita Kruschev, presidente da URSS, depois da Assembleia Geral da ONU, em 1959, deu dica preciosa ao presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower:

– Se pessoas envenenadas por mentiras querem acreditar que um rio imaginário corre sobre o asfalto da Sexta Avenida de Manhattan, em Nova York, não adianta tentar convencê-las, mostrando carros em circulação sobre o pavimento daquela via. A solução é entrar na deles e construir uma ponte imaginária para que atravessem o rio imaginário.

PONTE IMAGINÁRIA

Portanto, de nada vale o apelo à razão, porque os manifestantes na frente dos quartéis não raciocinam. O caminho é outro. Consiste em edificar uma ponte, na qual admitimos que Lula morre atropelado. Seu sósia atravessa, então, a ponte sobre o rio Jordão, em cujas águas foi batizado pelo Pastor Everaldo. Omite-se que o pastor foi preso por corrupção. Depois, o sósia foi benzido com água benta pela Pastora Aparecida, da Igreja Totoiotaia do Alvorada, e lá incorporou o espírito do Coiso.

Dessa forma, quem toma posse em janeiro disfarçado de Lula é o pai dos quatro zeros, das rachadinhas, do orçamento secreto, do sigilo de cem anos, da vacina que causa aids, do desmatamento da Amazônia, do envenenamento dos rios pelo garimpo, da invasão das terras indígenas e do assassinato de seus líderes. É o mesmo que pesa em arroba os quilombolas, que estrangulou a educação, a cultura, a saúde e que agrediu mulheres parlamentares e jornalistas e até a primeira-dama de país amigo.

O presidente da França, Emmanuel Macron, vem para a posse de Lula, porque não imagina que Lula está simbolicamente morto e que seu sósia é a encarnação do Coiso, responsável por ofensa vulgar à Brigitte Macron, sua esposa.

A ponte imaginária está construída com o meio-fio pintado de branco pelo Exército. Vai ver os manifestantes cruzam essa ponte e abandonam as portas dos quarteis, tranquilos porque o Coiso continua no poder. É mais fácil eles acreditarem nisso, do que admitirem que Lula está vivo.

P.S. - Ver também Tá todo mundo louco? | com Sérgio Freire | 156 - https://youtu.be/jOd2i4mXeq4

José Bessa Freire – Professor, escritor, cronista da Amazônia. Gestor do Blog www.taquiprati.com.br, onde esta crônica foi publicada originalmente. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

EDUCAÇÃO
COMO PRÁTICA DA RESISTÊNCIA

Chico Mendes

Aqui, o patrão não deixava o filho do seringueiro ir pra escola, [era] radicalmente proibido escola em seringais.

Eu, por exemplo, comecei com nove anos, engatinhando, aprendendo a andar na mata pra cortar seringa pra ajudar meu pai, porque eu tinha que contribuir para o aumento de produção do patrão. Se eu fosse pra escola, se fosse criada uma escola, o que que acontecia, a produção ia diminuir porque os filhos dos seringueiros iam ter que ir pra escola (perfeito), iam perder tempo, então o patrão não deixava.

O que acontece, 99% dos seringueiros, dos filhos dos seringueiros, [eram] todos [eles] analfabetos. (Você estudou, né Chico, como é que [vo]cê estudou?] Bom, eu... o meu professor... (porque você fala muito bem, você estudou... como que você estudou, sozinho?).

Olha, a minha história... (você leu o que, como é que a sua história de conhecimento). A minha história do meu estudo parece até subversão. Eu vivia, nessa época nós, muito jovens, juntos, que não sabíamos de nada. Eu tive a sorte, meu pai sabia um pouquinho, o ABC.

A minha sorte foi que, no seringal que eu trabalhava, na região que eu morava naquela época, tava a 5, 6 quilômetros da fronteira da Bolívia, [lá] eu descobri um exilado político, companheiro de [Luiz Carlos] Prestes, que foi

da Intentona [Comunista] de 35 (riso), foi preso na Ilha de Fernando de Noronha, conseguiu fugir, veio para o Pará, fugiu de Belém também num navio, de calção, foi pra Bolívia, envolveu-se nos movimentos de resistência dos operários bolivianos, e também foi o tempo de repressão na Bolívia, ele não teve como escapulir, ficou encurralado, ele preferiu a opção pela mata, pela floresta.

Então ele tinha um barraco (em que local, na fronteira com a Bolívia?)

Aproximadamente 7 quilômetros da fronteira com a Bolívia. Então um dia, uma tarde, quando a gente chegava do mato, esse companheiro chegou na nossa casa, a gente tava defumando, ele se agradou de mim, fez um pacto com meu pai para, nos finais de semana, eu caminhar 3 horas de pés numa varação, na selva, pra chegar no barraco dele, que ele interessava em me ensinar a ler.

Bom, minhas aulas foram feitas através de recortes de jornais que eu não sei como é que ele recebia. Ele também tinha um rádio e as minhas aulas, parte das aulas, era o seguinte: uma noite, se ouvia os comentários em português da Voz da América, eu não tinha conhecimento com os noticiários internacionais até essa época.

Eu não entendia, igual aos outros meus companheiros também. Aí, ele começou a me explicar aquela ideia. Ele começava a me explicar o que que significava aquela ideologia dos americanos e tal. No outro dia, ele me fazia ouvir os comentários da BBC de Londres (no rádio?) era o rádio, minhas aulas eram essas. No outro dia, ele ouvia o comentário da Rádio Central de Moscou.

Na Rádio Central de Moscou, era na época de 64, tempo do golpe militar, dizia o seguinte: olha, tantas lideranças sindicais no Brasil tão sendo torturadas, a nossa solidariedade internacional aos patriotas brasileiros, que tão sendo torturados, vítima da repressão, da ditadura militar que foi articulada pela CIA, (você pode falar pra gente o nome desse companheiro que ensinou a você ler?) Eu posso, no final eu vou falar.

Aí, então, ele me ensinava. A Voz da América dizia, olha, a Revolução Democrática e Popular no Brasil (as duas versões) o perigo do comunismo. Aí ele tirava uma noite pra me explicar... a situação, a posição desse aqui, a posição desse (nessa época você tinha nove anos, dez anos?) Não, nessa época eu tinha 19, quase 20 anos já. Mas a gente começou 62, 63.

A BBC de Londres fazia um paralelo, ela dava a notícia de um lado e outro, então ele dizia, ó: A BBC de Londres é uma rádio mais ampla, ela não defende a ideologia dos ingleses, do governo, ela divulga o que acontece no mundo, então ele me orientava a ficar mais sintonizado com a BBC.

Aí ele me explicou que durante aquele período que a gente tava enfrentando, ele me explicou o que tava acontecendo, apesar de tá isolado, mas que, "quem sabe, Chico, daqui a cinco, dez, oito anos, o movimento de resistência dos trabalhadores vai começar a surgir, vão criar novos sindicatos, a ditadura vai ter que aceitar, agora, vai ser controlado pela ideologia militar, todos esses sindicatos vão ter intervenção" (e foi o que houve, mesmo).

"Agora é o seguinte, você não pode deixar de entrar nesse sindicato, vai chegar, mais hoje, mais amanhã, chegará o sindicato para os seringueiros e você entra, você não pode deixar de entrar no sindicato porque é lá que você vai montar suas raízes, que vai enraizar e eu lhe garanto que, um dia, se eles não te matarem, você vai conseguir ser uma grande força para os seus companheiros". Eu fiquei com aquilo na cabeça, será que isso vai acontecer...

O nome dele era Euclides Fernandes Távora.

Chico Mendes – Depoimento histórico, gravado em áudio (em fita cassete) por Lucélia Santos, em sua primeira visita ao Acre, a convite de Chico Mendes, em maio de 1988. Transcrição feita por Zezé Weiss e Agamenon Torres para a peça Vozes da Floresta, de Zezé Weiss, produzida e apresentada por Lucélia Santos no SESC Ipiranga, em São Paulo, nos meses de outubro e novembro de 2022. As marcações em itálico são questionamentos de Lucélia durante o diálogo da entrevista. Título do texto criado por Zezé Weiss, para a edição 98 da Revista Xapuri.

HOMENAGEM DO SINTEGO NOS 34 ANOS DO ASSASSINATO DE CHICO MENDES

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

Foto: Divulgação/ Amom Aquino

MEMÓRIAS QUE GUARDO DE CHICO MENDES, MEU PAI

Angela Mendes

No dia em que meu pai foi assassinado, eu estava com 18 anos e grávida, esperando Angélica Francisca, a minha primeira filha. Como a gente não tinha uma convivência contínua, com ele na luta, e eu em Rio Branco, eu achava que talvez não fosse sentir tanto aquela morte anunciada que ele mesmo sabia que estava por acontecer.

Mas quando meu pai morreu foi horrível, e até hoje pra mim não é nada fácil falar disso, porque ainda me toca muito. Foi como se o chão tivesse fugido debaixo dos meus pés. Entrei em um buraco de desespero por não compreender como uma pessoa tão querida como o meu pai podia ser morta daquela forma tão covarde.

O destino separou meu pai de mim muito cedo. Ele se casou com minha mãe em 1967 ou 1968, não sei ao certo, e a situação financeira deles era precária, de extrema pobreza mesmo. Ele já estava envolvido no Movimento, e eles não tinham nenhuma renda. Eles só tinham a mim e à minha irmã, que veio a falecer com 11 meses de vida, devido à precariedade do local onde a gente vivia, muito distante da cidade e sem condição de tratamento médico.

Depois de algum tempo, tive que vir morar com outros familiares em Rio Branco, porque a situação era difícil. Aí meu pai se separou de minha mãe, e o destino nos separou a todos. Mas desde pequena eu sempre tive contato com o meu pai, porque ele sempre vinha me ver quando passava por Rio Branco. Nosso último encontro foi justo na semana do aniversário dele, porque ele veio me ver quando chegou de viagem, antes de voltar para Xapuri. Mas até hoje, a cada momento em que penso, em que falo sobre ele, passo pelo mesmo sofrimento de 34 anos atrás.

Sinto muita falta das nossas brincadeiras, do carinho que a gente tinha um pelo outro, da vontade que a gente tinha de ter uma convivência diária. Nas vindas dele a Rio Branco e nas minhas idas a Xapuri – naquele ano eu tinha passado as minhas férias com ele – a gente foi criando laços muito fortes. A última vez que nos vimos, nossa despedida foi de muito carinho, de muita compreensão e, de repente, pronto: eu descubro que não vou vê-lo nunca mais.

Depois da morte de meu pai, eu me juntei ao Movimento e fui trabalhar no Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA), a convite da Júlia Feitoza e da Rosa Roldán, que foram duas pessoas que cuidaram de mim e me deram muita força no momento em que eu mais precisei. No CTA eu trabalhei durante 12 anos, e lá eu pude ter contato com seringueiros de vários lugares. Isso me realizava muito, porque eu ficava próxima das pessoas que participam das mesmas situações e que vivem no mesmo mundo em que meu pai vivia.

Do CTA eu vim para o Comitê Chico Mendes, do qual hoje sou presidente, e onde faço um trabalho que me orgulha muito. Primeiro porque continuo perto das pessoas que foram amigas de meu pai e, segundo, porque lutamos para preservar a memória de meu pai, para que seu legado não seja esquecido.

Todos os anos, no Acre, realizamos a Semana Chico Mendes, de 15 a 22 de dezembro, do dia em que ele nasceu ao dia em que ele morreu, para continuar mobilizando a sociedade, em especial a juventude, em defesa da floresta amazônica e dos povos que nela vivem, porque esta é a luta que resume um pouco dos ideais de e dos sonhos do meu pai.

Angela Maria Feitoza Mendes - Ambientalista. Presidente do Comitê Chico Mendes e Conselheira da Revista Xapuri. Depoimento concedido a Zezé Weiss, para o livro Vozes da Floresta.

MENSAGEM PARA AS FILHAS E O FILHO DO CHICO MENDES

Davi Kopenawa Yanomami

Foto: Divulgação/ Pedro J Márquez

Faz 34 anos que Chico Mendes, nosso amigo, morreu. E eu deixo uma mensagem para as filhas e filho do Chico Mendes. Deixo o pensamento positivo que o pai deles tinha. Desejo que os filhos de Chico Mendes sejam tão bons como o pai que eles tiveram.

Os filhos devem seguir o caminho do pai, continuar a luta do pai. Pegar a mesma bandeira. Os filhos de Chico Mendes devem lembrar sempre do sonho de seu pai; não devem esquecer de quem são filhos. É preciso mostrar de onde partimos e aonde vamos chegar. Não pode negociar, enfraquecer, nem esmorecer na luta.

Não tem dinheiro que pague um pedaço de floresta. Os filhos de Chico Mendes não índios, mas são nap+pe [não-indígena] da floresta. Os fazendeiros são os besouros grandes que cortam a floresta. Os mineradores são tatu grande que faz buraco e destrói. São como tatu-canastra – os mineradores, com unhas grandes, cavando lá no fundo em busca das riquezas da terra.

Nós, lutadores, nunca vivemos e nem morremos sozinhos. Nós confiamos em nossos líderes. O Chico já viveu e, agora, ele cuida de nós. Nós, homens da floresta, somos frutos da terra, da força da natureza. Eu sou fruto, meu pai era fruto. Eu sou semente de meu pai. Semente de meu povo. As filhas e o filho de Chico Mendes são sementes que devem continuar na luta.

Davi Kopenawa – Líder Yanomami, amigo de Chico Mendes. Depoimento concedido a Zezé Weiss, para o livro Vozes da Floresta.

ATAQUE À FLORESTA

Chico Mendes

Foto: Divulgação/ O Globo

Essa luta da gente é uma história meio assim, meio comprida. Começou a partir de todo o movimento dos empates pela defesa da floresta, principalmente em [19]76. Em 76, a gente [es]tava no auge, no momento mais acirrado, no momento mais difícil, no momento mais de desespero que já ocorreu nesse Acre.

Na época que os fazendeiros começaram a chegar, a partir de [19]70, começa então a expulsão em massa dos seringueiros. Os seringueiros foram expulsos, [viram] seus barracos queimados, suas casas... de repente os jagunços cercavam, tocavam fogo nos barracos.

No Seringal Albrácia, em 72, tinha nove pistoleiros. O seringal foi comprado por um paulista por nome Vilela, ele trouxe nove pistoleiros, expulsaram todos os seringueiros dessa região. [*E o que é que eles queriam, eles queriam expulsar vocês da região, dos seringais, botar o que no local, eles queriam destruir a floresta, desmatar pra botar o boi, é isso?*] Botar o boi. Eles conseguiram destruir a floresta, tirar o seringueiro, tirar a seringueira, a castanheira, as riquezas que existe[m] lá dentro em troca do boi, [de] colocar o boi lá dentro.

Ou seja, a substituição do homem na floresta pelo boi. A Bordon nesse momento compra uma grande área no rio Xapuri. A Bordon expulsou em massa e tocou fogo em barraco de seringueiro, matou mulher de seringueiro, queimada.

Os outros fazendeiros também reagiram [da mesma forma] e toda a região de Xapuri foi bombardeada. Mais de 70%, naquele momento, dos seringueiros em desespero são expulsos dessa região aqui e se mandam pra Bolívia e outros pra Rio Branco, pra periferia da cidade, lá. [É] um momento de grande desespero.

[Em] 76, eu assumo a diretoria do Sindicato em Brasiléia, no Acre. Começa a primeira implantação do Sindicato lá. Em 76, nós sentamos e pensamos: como, como vamos barrar esse processo de desmatamento? Apelamos pra justiça, pro advogado, porque o Estatuto da Terra dá o direito ao posseiro, lá na sua colocação não poderia ser expulso. Mas isso, naquele momento, prevalecia a força e o dinheiro.

A força policial já vinha em cima do dinheiro do latifúndio. Naquele período de 70 a 76, eles compraram aqui nessa região seis milhões de hectares de terras, não tiraram um tostão [do bolso], não venderam um boi no Sul pra comprar essas terras... [*A Bordon?*] A Bordon e outros fazendeiros que vieram do sul do País. Essas terras foram compradas todas com o apoio dos incentivos fiscais da SUDAM.

O governo abriu as pernas pra esses latifundiários e, nesses seis anos, nessa nossa região, foram destruídas 180 mil árvores de seringueira, 80 mil castanheiras e, entre madeira de lei e cedro, o abio, o cumaru-de cheiro, o cumaru-ferro, o amarelão, foram destruídas mais de 1 milhão e 200 mil árvores, fora as árvores médias que [es]tavam crescendo.

Os fazendeiros reagem e dizem que nós [estávamos] trazendo dinheiro de fora pra comprar armas, para organizar a guerrilha. Aí chega a polícia federal, o SNI. Mas nós resistimos, a gente insistiu. [*Você se lembra, houve mortes, nesse período?*] Sim, eu vou chegar lá. Nesse período então, se organizam várias frentes de luta.

E em 79, o maior movimento rompeu-se no Acre, no município vizinho do Acre, fronteira com o Acre, no município de Boca do Acre, do estado do Amazonas, um grupo de seringueiros são ameaçados por jagunços, por pistoleiros, e o Acre, aqui, nós mandamos 300 homens pra cercar o acampamento dos pistoleiros, tomamos todas as armas, eu não fui, mas o companheiro Raimundo, meu primo, foi, e foi o primeiro movimento mais forte que se rompe, que cresce no Acre, liderado pelo companheiro Wilson de Souza Pinheiro, presidente do Sindicato de Brasileia.

Isso deu uma repercussão muito forte, e como naquele momento Wilson Pinheiro era a figura principal, nos empates de derrubada, em todo o Acre, os fazendeiros, no mês de junho, todos os fazendeiros da região fazem uma reunião e decidem pela morte de Wilson Pinheiro e de Chico Mendes, que também estava começando a crescer naquele momento.

No dia 21 de julho de 1980, eu estava numa Assembleia Sindical no Vale do Juruá, no outro lado do Acre, e Wilson Pinheiro estava na sede do Sindicato, assistindo uma televisão com seus companheiros. E nessa noite, um pistoleiro se deslocou pra Brasiléia e outro aqui pra Xapuri. O que chegou aqui em Xapuri perdeu a viagem porque aqui eu não estava.

O de Brasiléia acertou em cheio no Wilson Pinheiro. Por ali, no canto da casa, deu três tiros e matou o Wilson Pinheiro. [*1980?*] 1980. Aquele momento, taticamente, os fazendeiros avaliaram que o Sindicato de Brasileia apesar de ser forte, mas ele tava centralizado numa liderança que era o Wilson Pinheiro e que ele deveria morrer, porque matando o Wilson Pinheiro o Sindicato recuaria e eles conseguiriam com isso seu trunfo principal, que era o domínio sobre a terra.

Chico Mendes – Depoimento histórico, gravado em áudio (em fita cassete) por Lucélia Santos, em sua primeira visita ao Acre, a convite de Chico Mendes, em maio de 1988. Transcrição feita por Zezé Weiss e Agamenon Torres para a peça Vozes da Floresta, de Zezé Weiss, produzida e apresentada por Lucélia Santos no SESC Ipiranga, em São Paulo, nos meses de outubro e novembro de 2022. As marcações em itálico são questionamentos de Lucélia durante o diálogo da entrevista. Título do texto criado por Zezé Weiss, para a edição 98 da Revista Xapuri.

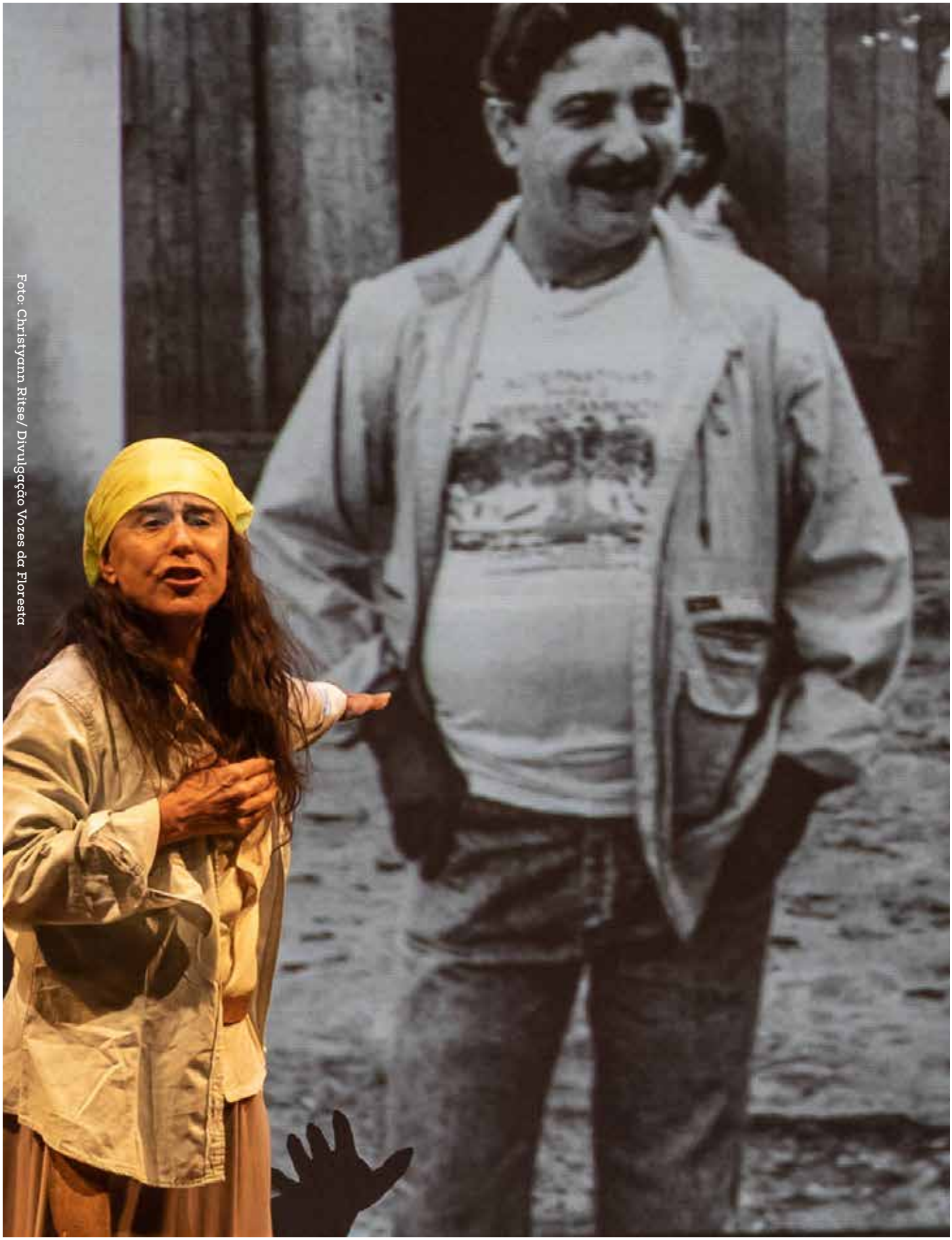


Foto: Christyann Ritse/ Divulgação Vozes da Floresta

MEU AMIGO CHICO MENDES

Lucélia Santos

Todo ano, quando chega essa época, eu me lembro muito do Chico e todo ano eu penso nele de uma forma diferente.

Agora, eu estou pensando que o Chico, neste momento, estaria celebrando a vitória do Lula. Os dois eram amigos, eram da mesma geração, tinham praticamente a mesma idade, acho que com um ano de diferença.

Eu penso que a Amazônia seria outra se o Chico estivesse aqui entre nós, se ele tivesse sobrevivido àquela violência que ele sofreu, tendo sido assassinado de maneira tão precoce, tão extemporânea.

Certamente a floresta não estaria sofrendo tudo o que está sofrendo, não estaria havendo tanta derrubada das árvores, tantas queimadas, tanto sofrimento dos seres da floresta, dos bichos, da fauna, da flora, da economia local, das populações extrativistas, nossos amigos, nossas amigas, nossa companheirada toda.

Todo ano, quando chega este momento, aperta uma saudade muito, muito grande do Chico Mendes. Uma saudade muito forte do companheiro, do lutador, do guerreiro, do orientador, do líder, da boa prosa, do carisma, da integridade e, sobretudo, dentre todas as coisas, de sua humanidade e do conhecimento profundo que o Chico tinha da floresta e dos seres da floresta.

Da estrela que você hoje habita, Chico, por favor, nos mande muita energia positiva pra que a gente possa sair deste caos em que o Brasil se meteu. Axé!

Lucélia Santos – Atriz, conselheira da Revista Xapuri, amiga de Chico Mendes e militante das causas da floresta, da cultura e dos direitos humanos.

Foto: Blog do Arcanjo

Foto: Divulgação/ Christyann Ritse

PÃO DE QUEIJO, PÃO DE BEIJU

Beatriz Haruka Suzuki, Samuel Leão e Silva

A tradicional iguaria mineira, o pão de queijo, amado por tantos. Apesar de não haver um consenso ou registro oficial acerca da data de sua criação, estima-se que tenha surgido em meados do século XVIII.

Uma versão da origem da receita menciona o período da escravidão, quando a mistura de ovos e leite, herdada dos portugueses, foi associada à mandioca, base da alimentação indígena. O queijo foi adicionado para agregar sabor à massa.

Além de ser um queridinho no Brasil, o pão de queijo é apreciado em mais de 50 países para onde é exportado, entre eles Portugal, Itália, Japão e Estados Unidos. Além disso, podemos encontrar produtos parecidos com o nosso pão de queijo em alguns países da América Latina.

Algumas receitas semelhantes são o *pandebono*, um pãozinho achatado da Colômbia, a *chipa*, em formato de ferradura, típica do Paraguai e da Argentina, e o *pan de yuca*, do mesmo formato do nosso pão de queijo e consumido no Equador, geralmente acompanhado de iogurte.

Séculos depois, com o advento e a consequente popularização da culinária vegana, surgem alternativas a diversos pratos tradicionais, que retiram o fator animal, mas mantém os princípios do prato, em especial o sabor. A receita de hoje é o Pão de Queijo Vegano, também chamado de Pão de Beiju.

PÃO DE BEIJU
(pão de queijo vegano)

Ingredientes

2 unidades – (aprox. 400 g) de batatas-baroa (mandioquinha) cozidas e descascadas

1 e 1/2 xícaras (chá) – (270 g) de goma pronta para tapioca

1/4 xícara (chá) – (30 g) de polvilho doce (fécula de mandioca)

1 e 1/2 colheres (chá) de sal; 2 colheres (sopa) – (30 ml) de azeite

1 colher (sopa) de fermento químico

1 colher (sopa) – (15 ml) de água

1 colher de sopa de levedura nutricional.

MODO DE FAZER

1. Amasse as batatas e reserve. **2.** Em um recipiente misture a tapioca, o polvilho doce e o sal. **3.** Acrescente as batatas e o azeite e vá amassando com as mãos. **4.** Adicione o fermento e a levedura nutricional e continue a amassar. **5.** Por último, adicione a água e continue amassando até ficar homogêneo. **6.** Modele em formato de bolinhas. **7.** Disponha em uma assadeira untada com azeite. **8.** Leve ao forno pré-aquecido a 180ºC por 40 minutos (ou até perceber que os pães já estão douradinhos).

Beatriz Haruka – Ativista Alimentar.

Samuel Santos Leão e Silva – Jornalista.

MEMÓRIA VERDE

Eduardo Galeano

Assim como nós, as árvores recordam.

Só que elas não se esquecem: vão guardando sua memória.

Os anéis contam a história de cada árvore e declaram sua idade, que em alguns casos chegam a dois mil anos; contam que climas conheceram, que inundações e secas sofreram, e conservam as cicatrizes dos incêndios, das pragas e dos terremotos que as atacaram.

Num dia como hoje, um estudioso do assunto, José Armando Boninsegna, recebeu dos alunos de uma escola argentina a melhor explicação possível:

– Os arbustos vão à escola e aprendem a escrever. Onde escrevem? Na praça. Como escrevem? Com anéis. E isso dá pra ler.

Eduardo Galeano – Escritor, em *Os Filhos dos Dias*, Editora L&PM, 2ª edição, 2012.

Foto: Divulgação/ Ligia Simonian

ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA

Chico Mendes

Xapuri, que [es]tava caminhando, engatinhando naquele tempo, retoma o movimento (com força), retoma com força o movimento com uma experiência diferente: a liderança, nós não devemos ter uma liderança única, mas todos os trabalhadores devem ser líderes.

Agora, como sempre acontece no movimento dos trabalhadores no Brasil, o pessoal começa a centrar força mais num nome, e esse nome ou por sorte ou azar caiu em cima de mim. É o Chico Mendes que começa a liderar o movimento.

Então, nós começamos a pensar o seguinte, começamos a montar as escolas, começamos a construir novas lideranças, com as escolas, em cada escola começam a surgir lideranças porque o seringueiro começa a ter uma visão e começa a participar mais ativamente do movimento.

Isso começou a chegar lá fora, a imprensa começa a dar um maior destaque nessa luta de Xapuri. E aí nós pensamos numa ideia: ora, o seringueiro não é reconhecido como classe; poxa, então nós vamos ter que encontrar uma forma de pressionar as autoridades federais, lá em Brasília, que tá o foro das decisões, o seringueiro nunca foi a Brasília e nós vamos ter que defender agora uma forma do seringueiro ir a Brasília e contar a sua história lá.

A Mary [Allegretti] começa a articular com algumas entidades, me chama, eu vou a Brasília em maio de [19]85, e se começa a articular então o Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília. E aí, em outubro de 85, a gente marca na história da luta do seringueiro da Amazônia o I Encontro Nacional dos Seringueiros da Amazônia.

E isso foi um encontro que ficou histórico na luta dos seringueiros, em toda a história desde 1870 pra cá, aí começa a aparecer os aliados, começa a engrossar a luta nos empates, começamos a ter vitórias. Com essa experiência de Xapuri em realizar esse Encontro Nacional em Brasília, aí nesse encontro se começa a descobrir outras lideranças que viviam isoladas, que desperta a sua consciência e começa então a se expandir pra toda a Amazônia essa luta.

E surge a proposta de aliança com as principais lideranças indígenas, a partir daí pra se unificar essa luta dos seringueiros. E aí começa então, com a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros, se pensa numa possibilidade de manter contato com a direção da União das Nações Indígenas. Se faz um contato através do Ailton Krenak, a partir do Biraci Brasil, a discussão começa a se ampliar e hoje começam já a acontecer os encontros dos índios com a participação dos seringueiros e a Aliança começa a se ampliar.

Em nível de cúpula ela está ampliada, só falta agora se estabelecer essa Aliança nas bases dos índios com os seringueiros. Denomina-se com isso a Aliança dos Povos da Floresta Amazônica.

Chico Mendes – Depoimento histórico, gravado em áudio (em fita cassete) por Lucélia Santos, em sua primeira visita ao Acre, a convite de Chico Mendes, em maio de 1988. Transcrição feita por Zezé Weiss e Agamenon Torres para a peça Vozes da Floresta, de Zezé Weiss, produzida e apresentada por Lucélia Santos no SESC Ipiranga, em São Paulo, nos meses de outubro e novembro de 2022. Título do texto criado por Zezé Weiss, para a edição 98 da Revista Xapuri.

CHICO MENDES PROJETOU UMA UTOPIA

Ailton Krenak

Foto: Divulgação/ João R. Ripper.

Eu hoje fico pensando como a agenda da Aliança dos Povos da Floresta naqueles primeiros anos tinha um apelo tão forte, tão mobilizador. Eu acho que esse apelo tinha a ver um pouco com a novidade da experiência vivida com os ventos da nova Constituição, promulgada em outubro de 1988.

Foi nesse ambiente rico que o Chico projetou mais do que ideias, ele projetou uma utopia. Com sua presença calma, com o seu próprio tom de voz – nunca tinha exaltação na fala dele e, mesmo quando ele falava das injustiças, das coisas duras que aconteciam com ele e com a floresta, a maneira dele expressar era sempre tão amorosa e tão boa que, em vez de desespero, o que o Chico passava sempre era esperança.

A presença do Chico como uma pessoa da paz e do diálogo, naquele momento difícil em que o Brasil vivia o seu processo de redemocratização, ficou marcada de forma muito especial naquela plantinha que nós chamamos de Aliança dos Povos da Floresta, que brotou naquele ambiente de mudança.

Apesar de todas as dificuldades, porque nada foi fácil e nem a gente sabia se a semente que nós plantamos ia vingar ou não, quando ainda não se pensava na articulação de vários setores da sociedade, a nossa Aliança juntou índios, seringueiros, ribeirinhos e mais um monte de gente em uma só bandeira, em um espaço acolhedor para a prática da parceria e da solidariedade.

Ailton Krenak – Escritor, poeta, filósofo. Amigo e parceiro de Chico Mendes na construção da Aliança dos Povos da Floresta. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri. Depoimento concedido a Zezé Weiss para o livro Vozes da Floresta.

VÁ EMBORA DE VEZ, CAPIROTO!

Emir Sader

Quem gostava, se arrependeu, não gosta mais. Quem já não gostava mais, não aguenta um minuto mais.

Vai embora de vez, capiroto. Ninguém aguenta um minuto. Todo mundo quer te ver pelas costas, indo embora de vez.

Você só deixou desgraceiras. Teu tempo foi o pior tempo para todo mundo no Brasil. Não vai deixar saudade em ninguém.

Só queremos esquecer, só lembrar, para comparar, de como o Brasil vai ter mudado para melhor, para muito melhor.

Ninguém conhecia o capiroto, veio da escuridão e deixou tudo escuro. Sem luz, com ódio e miséria.

Vai ser difícil explicar pros filhos e pros netos como um capiroto desses chegou lá. Como ficou quatro anos, que pareciam uma eternidade.

Quando era inevitável, por uma armação diabólica, o capiroto chegou lá, nem quisemos ver. Fomos ao cinema ver um filme atrás do outro, como se, na saída, fosse tudo um pesadelo e o capiroto era uma desgraça que não era verdade.

E cada dia era um século, era um tormento, parecia que não ia ter fim nunca. Foram os piores dias da vida de cada um. Os mais esquecíveis e, talvez, inesquecíveis.

Agora, vai embora de vez. Ninguém mais suporta nem uma manhã sequer.

Acordar que o Brasil agora já está virando outro. Já tiramos toneladas das costas. Descemos da cama pra vida, voando, cantando, felizes, cheios de esperança.

Até ele diz que está cansado. Cansado de não fazer nada. 81 minutos por semana supostamente de trabalho.

Na verdade, está na contagem regressiva para prestar contas de alguns ou de todos os malfeitos que ele fez. Cada manhã sabe que é uma manhã a menos com proteções jurídicas, com liberdade, com café na cama.

Chegou a hora de ir embora. Chegou a hora de nos deixar em paz. De nos deixar termos nosso tempo de liberdade, de justiça, de alegria, de esperança.

Chegou o tempo de Lula. Chegou o tempo em que o Brasil será de novo um país bom pra viver. Chegou o tempo de voltar a sermos orgulhosos de sermos brasileiros. De não termos vergonha de sermos o país identificado com o capiroto.

Vamos valorizar como nunca sermos brasileiros, termos o direito de voltar a construir o pais como um pais nosso, um pais de todos.

Não tropeçaremos mais em familias inteiras vivendo nas ruas, abandonadas. Lula sempre disse que governar é cuidar das pessoas. Para essas milhares de pessoas não há governos, não há quem cuide deles.

Todos terão governo, todos serão cuidados, ninguém será mais abandonado – que é a pior coisa que existe e que foi marca dos tempos desastrosos do capiroto. O Brasil voltará a ser um pais lindo para viver e para conviver. Onde todos terão acesso a tudo o que queiram e precisem.

Para que isso aconteça, vai embora de vez, capiroto. Vai viver tuas coisas, o que merece e o que terá que enfrentar.

Recuperamos o direito de termos um futuro, de termos um presente e de resgatarmos o passado bom que tivemos. De dignidade, de solidariedade, de alegria.

Vem, volta, Lula! Te queremos, te precisamos, te necessitamos. Queremos um tempo de democracia, de liberdade, de direitos, de um governo que cuide de todos, antes de tudo dos mais necessitados.

Um Lula que vem para resgatar a esperança, que vem para resgatar o que de melhor temos e eliminar da vida de todos o que de pior vivemos. O dia da vitória do Lula foi dos melhores dias das nossas vidas.

Vai embora de vez, capiroto!

Emir Sader - Sociólogo, escritor, membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.

TÁ NA HORA DO JAIR JÁ IR EMBORA

Foto: Divulgação/ Katie Maehler

TRAZER O PT PARA O ACRE FOI COISA DO CHICO MENDES

Raimundo Mendes de Barros

A ideia de trazer o PT para o Acre foi coisa do Chico. Ele foi pra São Paulo, encontrou-se com o Lula e veio de lá com a determinação de construir o PT.

Eu lembro o dia em que o Chico chegou de São Paulo, chamou os companheiros e disse: "Trago novidade boa – estive com o Lula, ele com os companheiros estão fundando um partido, e já tem até nome, vai ser o Partido dos Trabalhadores, o nosso PT. E nós é que vamos fazer o PT. É compromisso meu com o Lula". Do jeito que o Chico apresentou essa ideia, o compromisso ficou sendo de todos nós, e nós nos apaixonamos por ela.

Em 1980, o Chico voltou da fundação do PT em São Paulo como delegado nacional do Partido. Aqui, nossas reuniões eram feitas no Sindicato, que era o local de se falar sobre a educação, a renda, a política, o Partido e sua criação. E o mais importante é que quem era de outro partido não se sentia alijado e tinha todo o direito de discordar da gente. E foi justamente nesse momento que o Sindicato de Xapuri foi mais fortalecido.

Na discussão, na resistência e na disposição que o Chico demonstrava, os outros companheiros pegaram o exemplo dele e fortaleceram o Partido e os sindicatos nos outros municípios do Acre.

Contudo, tivemos [e temos] muitas dificuldades para fundar [e cuidar] do PT aqui, porque em [19]80 ser PT era ser comunista, e o pessoal tinha um medo danado de comunista. E tinha outro agravante que era a mentalidade de que seringueiro, por ser pobre, por não ter dinheiro, não podia fazer um partido político. E a gente ainda era marcado por fazer oposição aos fazendeiros. Naquela época o latifúndio era aliado do sistema [e ainda é], e eles falavam [e falam] que a gente era comunista, que comia crianças, que cultuava o demônio.

Mas a gente pensava que se a semente fosse jogada em terra boa, por mais mirrada que fosse, ela cresceria e um dia daria bons frutos. Foi o que aconteceu.

O PT era essa sementinha judiada, mas como o terreno era fértil, conseguiu vingar e crescer aqui no Acre. Então o PT é o resultado, é fruto e resultado da luta dos camponeses e dos operários, dos intelectuais que tinham com o que contribuir e o que ganhar com a construção de uma sociedade justa.

Mas eu quero aproveitar para falar um pouco também do meu grande amigo Chico Mendes que, além de militante, era um grande contador de histórias, que conseguia prender a atenção de todos sem que ninguém duvidasse do ocorrido. Esse dom ele herdou do pai, um cearense famoso na arte da contação de causos, que contava histórias que davam um enorme medo nas crianças.

Inclusive o Chico, quando era moleque, já com oito, nove anos, mijou muito na rede, de noite, com medo de descer por conta dos causos que o pai contava.

Raimundo Mendes de Barros – Seringueiro, primo de Chico Mendes.

Foto: Divulgação/ André Dib

HINO DO SERINGUEIRO

Cancioneiro Popular

Vamos dar valor ao seringueiro
Vamos dar valor a esta nação
Pois é com o trabalho desse povo
Que se faz pneu de carro e pneu de avião.

Fizeram a chinelinha, fizeram o chinelão
Inventaram a botina, pra cobra não morder
Tantas coisas da borracha que não tem explicação
Encontrei pedaço dela na panela de pressão.

Pneu de bicicleta não é requeijão
Não é carne de gado, é pneu de caminhão
Não é com chifre de vaca, que se apaga letra, não
São produtos da borracha, feitos pela nossa mão!

RESERVAS EXTRATIVISTAS

Chico Mendes

Foto: Divulgação/Marcio Pimenta

A proposta das Reservas Extrativistas é o seguinte: as terras [es]tão supostamente aí nas mãos dos grandes latifundiários. Em toda a área do Acre, apenas dez donos dominam todo o poderio de terras no Acre. Dez mandantes.

O que nós queremos é o seguinte: É que essas terras passem para o domínio da União, que o governo desaproprie essas áreas, que elas passem para o domínio da União, não do Estado, da União, e que elas se transformem em usufruto para os habitantes da floresta, ou seja, para os seringueiros.

E aí nós estamos colocando como proposta [o] cooperativismo, nós estamos colocando como proposta prioritária uma melhor forma de comercialização da borracha, a comercialização da castanha.

Nós queremos criar indústrias caseiras para se dar prioridade às outras riquezas porque, veja bem, quando nós defendemos a Reserva Extrativista, e quando nós defendemos e que nós apostamos que a Reserva Extrativista é economicamente viável para o Brasil, para a Amazônia e para a humanidade.

É que nós não defendemos simplesmente hoje só a economia da borracha, não só a economia da castanha, mas a copaíba, os produtos extrativistas que são vários em toda a região da floresta e que estão sendo destruídos: o coco da tucumã, o patoá, o açaí, a copaíba, outra série... falta pesquisa nessa Amazônia, as árvores medicinais, que é impossível ser[em] contadas, falta pesquisa...

Basta que o governo leve a sério e nos dê essa possibilidade que em pouco tempo nós vamos provar que é possível se conservar a Amazônia e transformar essa Amazônia numa região economicamente viável para o Brasil e para o mundo. Nós temos clareza disso!

Chico Mendes – Depoimento histórico, gravado em áudio (em fita cassete) por Lucélia Santos, em sua primeira visita ao Acre, a convite de Chico Mendes, em maio de 1988. Transcrição feita por Zezé Weiss e Agamenon Torres para a peça Vozes da Floresta, de Zezé Weiss, produzida e apresentada por Lucélia Santos no SESC Ipiranga, em São Paulo, nos meses de outubro e novembro de 2022. Título do texto criado por Zezé Weiss, para a edição 98 da Revista Xapuri.

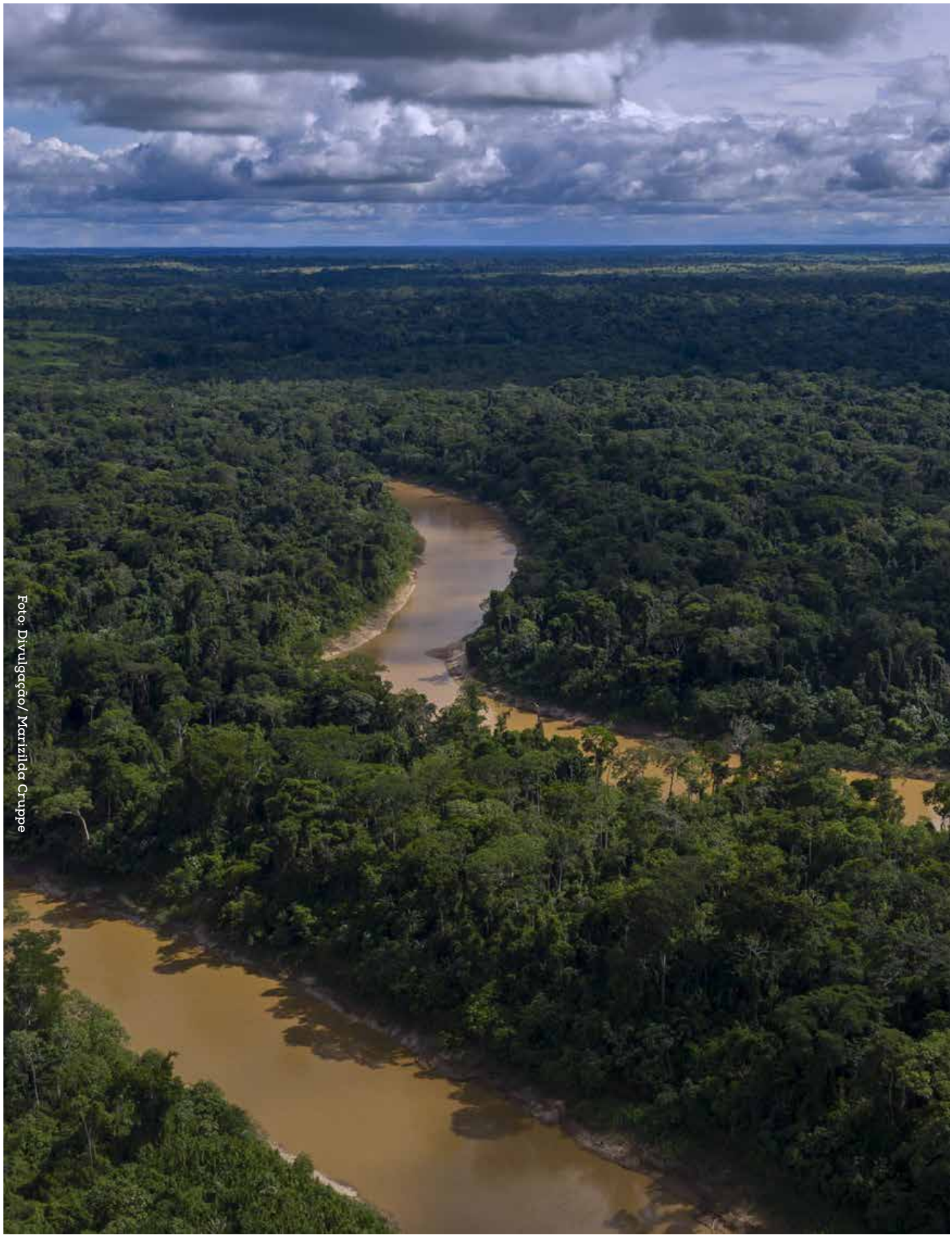


Foto: Divulgação/ Marizilda Cruppe

REDD+: DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO NA AMAZÔNIA

Joseph S. Weiss, Layza Rocha Soares, Mauro Oliveira Pires, Peter H. May

Os seringueiros, com Chico Mendes na liderança, lutaram para manter a floresta em pé, combatendo o desmatamento e a invasão da pecuária com empates de desobedi ência civil e construindo propostas inovadoras para a proteção da Amazônia.

Em 1985, lançaram em Brasília, durante o I Encontro Nacional dos Seringueiros, a proposta das Reservas Extrativistas (RESEX), somente tendo sido implantadas as primeiras quatro reservas depois da morte de Chico Mendes, em 1989 – RESEX Chico Mendes e Alto Juruá, no Acre; RESEX do Rio Outro Preto, em Rondônia; e RESEX do Rio Cajari, no Amapá.

Na Cúpula da Terra, no Rio, em 1992, foram aprovadas as ideias básicas para controlar as Mudanças Climáticas, porém algumas normas mais definidas só foram estabelecidas em 2015, no Acordo de Paris, mais de 20 anos depois. A ONU e a maioria dos cientistas defendiam incentivos de mercado para convencer as empresas e as famílias a não desmatarem.

Ao contrário, o Brasil conseguiu, só com regulamentos sobre recursos naturais e seu uso, reduzir o desmatamento na Amazônia em 70% em dez anos (2004–2013). Entretanto, o desmatamento voltou a subir quando os governos Temer e Bolsonaro pararam as ações de controle.

A RESEX é a base de regulação ambiental. Esperava-se um acordo vinculante às leis nacionais com regulação. Deixadas de lado em Paris, reduzindo o papel do Estado, restou o mecanismo de mercado REDD+, sem resolver as questões da posse e do uso de unidades de conservação nem o papel do governo na sua propriedade e gestão.

Assim, REDD+ é uma RESEX incompleta, só de incentivos com dimensão, intensidade e diversificação insuficientes. Quando um projeto reduz pouco as emissões e se dedica à melhoria das condições de vida dos beneficiários, quem sabe continue sendo enquadrado como projeto REDD+, apesar de não mais sê-lo. Os membros da ONU poderiam ter conseguido maiores reduções com um tratado mais duro sobre emissões de GEE.

Segundo Manuel Guariguata, cientista sênior do Centro Internacional de Pesquisa Florestal – CIFOR, a partir de um estudo em 16 países, o desmatamento foi mais alto em áreas protegidas que em florestas sob a responsabilidade de comunidades locais. Nessa condição, a floresta permanecerá por períodos maiores e com melhores condições de subsistência familiar do que em áreas apenas marcadas como protegidas.

Durante futuros estudos nacionais e globais de REDD+, sugerimos que seja dada prioridade a medidas regulatórias, incluindo a posse e o uso da terra, em conjunto com incentivos de mercado, como pagamentos individuais.

Diante desse desafio, talvez seja necessário ampliar a definição do *Readiness* do Banco Mundial, para dar mais ênfase à regulação e à posse da terra e da floresta, como pré-condições para inclusão no portfólio específico. Não podemos continuar repetindo o desenho de projetos pouco eficazes da segunda metade do século passado.

Dados os resultados climáticos pouco exitosos dos projetos subnacionais de REDD+, a solução é voltar às políticas integrais de mercado e regulação. Os projetos REDD+ serão melhores se os incentivos estiverem acompanhados de regulamentos efetivos de controle do desmatamento. Sem isso, o cenário futuro provável é de um mundo sem regulação florestal efetiva, tornando muito mais cara a redução das emissões de gases de efeito estufa.

Sugerimos que as negociações preliminares nacionais e globais dos projetos REDD+, ou outro nome, sejam conduzidas em três fases: a concepção e a adequação do projeto, com a posse da terra e da floresta; o preparo de outros aspectos necessários ao funcionamento institucional e operacional do projeto; e a concreção do projeto em si, plenamente concebido e financiado.

Quando os estados-nação têm a vontade e a capacidade de comando e controle, eles podem reduzir a degradação ambiental. Dar prioridade à questão da posse e do uso dos recursos naturais, anteriormente às atividades de preparação e realização de projetos REDD+, é essencial ao desempenho dos projetos.

Joseph S. Weiss – Pesquisador – ECOECO.

Layza Rocha Soares – Pesquisadora – UFF.

Mauro Oliveira Pires – CDS/UnB; ICMBio.

Peter H. May – Pesquisador – UFRRJ.

COMBATER O RACISMO E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO É TAREFA DE TODAS E TODOS

Cleiton dos Santos

Entre 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, e 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos, passando pelo Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher, em 25 de novembro, as bancárias e bancários de todo o país participaram da campanha mundial 21 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher, que no Brasil também incluiu a luta contra o racismo, uma vez que as mulheres negras são as maiores vítimas.

Entre as várias ações dos 21 Dias de Ativismo, a Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN) realizou com seus sindicatos filiados no dia 30 de novembro o seminário *Avanços e Conquistas na Pauta Feminista Bancária: Assédio Moral e Sexual, Violência Doméstica*. A palestra pode ser assistida na íntegra no canal da Fetec-CUT/CN no YouTube.

"O Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher foi criado em 1991 para chamar atenção e provocar uma reflexão sobre as diversas formas de violências praticadas contra as mulheres. Todos os dias, nós mulheres somos submetidas a alguma forma de violência, assédio, machismo, violência sexual, psicológica e física, por colegas de trabalho, familiares e parceiros. Chegando a casos de tortura, perseguição e até feminicídios", denuncia Elis Regina Camelo Silva, secretária de Mulher da Fetec-CUT/CN.

Ela aconselha: "Não é nada fácil ser mulher nesse cenário. Alertar e coibir a violência contra as mulheres é uma questão de sobrevivência, de direitos humanos. São muitos os desafios, um deles a superação do medo da denúncia. Quando uma mulher se cala, ela dá mais poder para o agressor, reforçando o comportamento dele. Denunciar é sempre o melhor caminho".

O seminário também defendeu a necessidade de o Brasil referendar a Convenção 190 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), de junho de 2021. Ela reconhece que a violência e o assédio moral ou sexual no mundo do trabalho levam à violação dos direitos humanos, são ameaça à igualdade de oportunidades e, por isso, incompatíveis com o trabalho decente. A Convenção define violência e assédio como comportamentos, práticas ou ameaças que visem e resultem em danos físicos, psicológicos, sexuais ou econômicos para os trabalhadores atingidos.

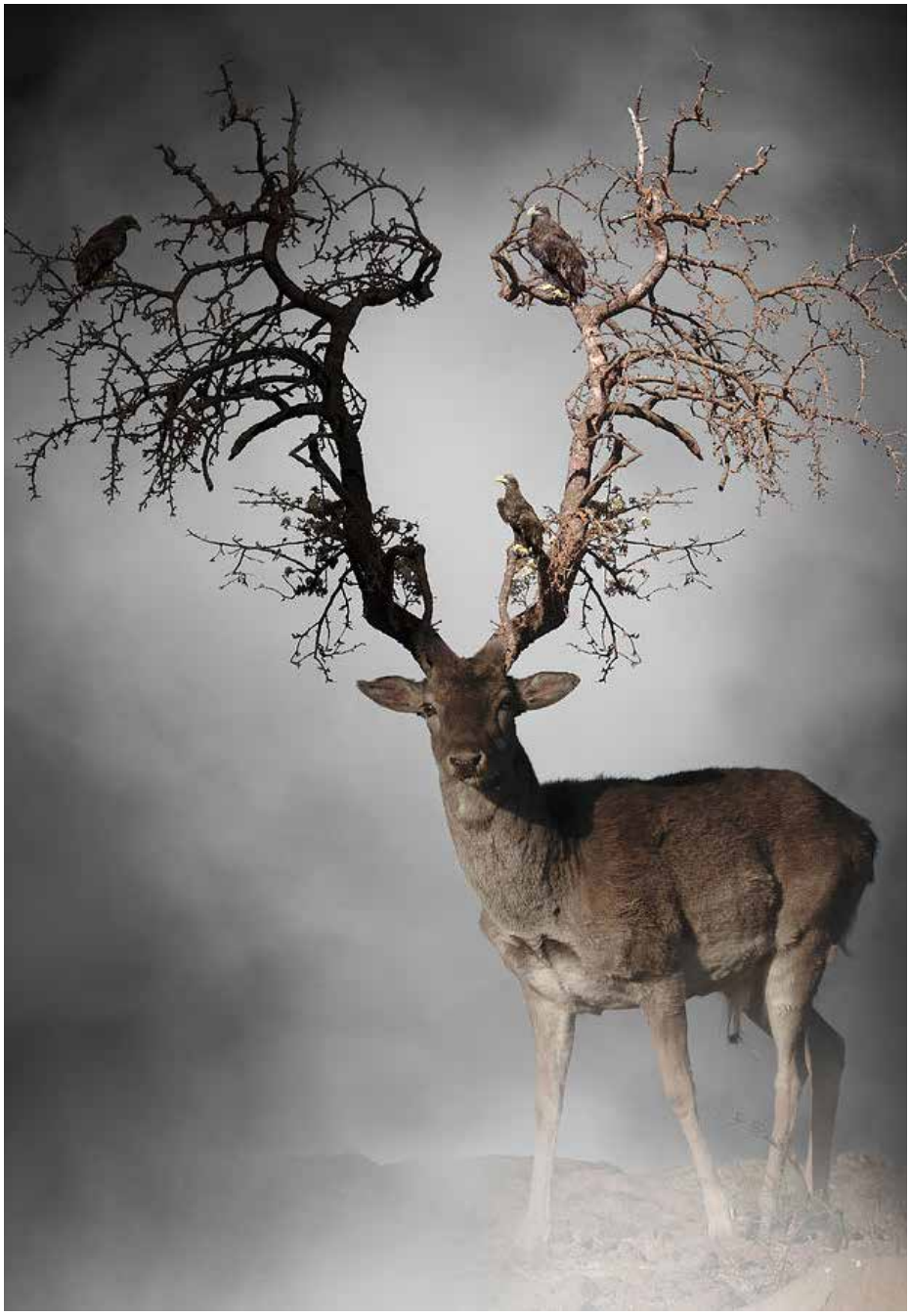
Uma agenda para o governo que toma posse em 1º de janeiro, e de toda a sociedade, de homens e de mulheres.

Cleiton dos Santos – Presidente da Federação dos Bancários do Centro-Norte (Fetec-CUT/CN) e funcionário do Banco do Brasil.

FETEC CUT Centro Norte

O CAUSO DO VEADO, CONTADO POR CHICO MENDES

Binho Marques



Agora, 34 anos depois, o que sinto é muita saudade do Chico Mendes, uma saudade imensa e doída da pessoa, do amigo. Porque para mim o Chico foi um mentor, uma liderança, mas, sobretudo, foi um grande e fascinante amigo.

Lembro-me do nosso primeiro contato, maravilhoso e estranho. O Chico não tentou nos impressionar com conhecimentos que não eram bem próprios dele, nem com assuntos que não fossem sobre a floresta.

Ele falou de caçadas, contou causos, num processo de encantamento que ele sempre foi capaz de criar, e com o que surpreendeu a mim e a todos durante toda a sua vida.

Um dos causos que ele contou foi o de uma caçada. Ele na espera. Apareceu um veado e, quando ele mirou para acertá-lo, o veado foi crescendo, crescendo, e ficou do tamanho da árvore onde ele estava, olhando nos olhos dele, até que ele saiu correndo.

Eu nunca tinha visto um adulto sério, uma liderança sindical contando uma história daquela com a convicção de que era verdade. Eu, que era careta, quadrado, militante comunista, dogmático de esquerda, não conseguia compreender. Chico Mendes não existia nos meus manuais.

Binho Marques – Educador, escritor, ex-governador do Acre e amigo de Chico Mendes. Depoimento concedido a Zezé Weiss para o livro Vozes da Floresta, atualizado.

Ilustração: Divulgação/ Lu Paternostro

A QUESTÃO DA AMAZÔNIA

Chico Mendes

A questão da Amazônia consiste na defesa dos povos da floresta. Consideramos a questão da Amazônia um problema sério que não passa mais, hoje, pelo discurso, e sim pela prática que temos que desenvolver daqui pra frente.

A Amazônia está ocupada. Em todos os recantos há índios, há gente trabalhando, tirando borracha e, ao mesmo tempo, lutando pela conservação da natureza. Queremos propiciar uma política que garanta o futuro desses trabalhadores que, há séculos, vivem na Amazônia e a tornam produtiva ao mesmo tempo.

Enquanto existirem índios e seringueiros na selva amazônica, há esperança de salvá-la.

Esperamos que as pessoas que lutam em defesa da Amazônia possam realizar um trabalho que, de fato, consiga trazer uma esperança. Acredito que cada um de nós tem uma missão e um compromisso muito importante em relação à defesa da região amazônica.

Essa luta não é só dos trabalhadores da floresta: ela é de toda a sociedade brasileira.

Chico Mendes – Texto encontrado por Zezé Weiss nos arquivos do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), em Rio Branco, Acre, na primavera de 2008. Publicado no livro Vozes da Floresta. Editora Xapuri, 2008.

A COMUNICAÇÃO VOA

Altair Sales Barbosa

Foto: Divulgação/ Jesco von Puttkamer

É bem provável que após a chegada da primeira leva de povoadores ao Jardim das Plantas Tortas, outras levas, seguindo as rotas migratórias de animais, em função da crescente coalescência da floresta amazônica, também buscassem a mesma direção de seus antecessores e pioneiros. Entretanto, o processo da coalescência que impulsionaria a migração faunística é lento. Isso, no mínimo, levaria décadas, o que não explica a rápida ocupação ocorrida no local num espaço de tempo bastante curto.

É de se supor, entretanto, que algum método de comunicação deveria existir entre os bandos, constituídos por parentes próximos e organização clânica. Qual seria esse método? Sinais pelos caminhos trilhados? Provavelmente. Todavia, esse método poderia ser incerto, pois, com o passar do tempo, os vestígios desaparecem e, por isso, o êxito não poderia ser alcançado por outras populações.

Haveria outro? É muito difícil precisar, mas gostaria de narrar uma experiência pessoal, que muito me impressionou e que até hoje tento compreender.

Corria o ano de 1987 a 1988, e eu me encontrava num posto de atração indígena tentando, juntamente com outras pessoas, estabelecer o primeiro contato com os índios Uru-eu-wau-wau, nas nascentes do rio Jamari, na serra dos Pakaás-Novos, em Rondônia.

Estávamos no Posto de Alta Lídia, que depois teve seu nome mudado para Comandante Ari,

em homenagem ao piloto Ari Dal Toé, cujo motor explodiu após nos abastecer de alimentos, quando decolava na pequena pista feita com enxadas.

No local havia três ranchos de palha. Um era a cozinha; outro era o dormitório onde armávamos as redes; e o terceiro funcionava como despensa. Ao lado, em sentido transversal, existia um grande rancho sem paredes laterais, coberto com palhas.

Esse rancho, que chegava a abrigar até 30 pessoas, era frequentemente usado pelos índios Uru-eu-wau-wau que, recém-contactados, o usavam para repouso alguns dias, durante jornadas de caça ou quando transitavam na aldeia principal, que ficava a uns dois dias de caminhada em direção a uma aldeia abandonada, para se abastecerem de restos de cultígenos, principalmente inhame e batatas. Tanto os índios quanto nós costumávamos nos deitar bem cedo, logo que escurecia.

Na nossa turma havia um velho índio Parintintin, nosso intérprete, pois entendia a língua dos Uru-eu-wau-wau. Hoje, sabemos que se trata da língua Tupi-Kawahib.

Os Uru-eu-wau-wau, às vezes, ficavam dias hospedados no rancho. E as noites passavam sem nenhuma surpresa maior até que, numa certa noite, já era bem tarde, todos nós acordamos de sobressalto e assustados, pois os índios, num grande círculo, cantavam e dançavam num pátio em frente aos nossos ranchos.

Ficamos perplexos, sem entender a situação, até que indagamos ao velho índio Parintintin o que estava acontecendo. Foi quando ele falou:

– Eles estão dançando porque dizem saber que amanhã chegará um novo grupo de índios Uru-eu-wau-wau que faz tempo que eles não encontram. Trata-se de um grupo novo, ainda não-contactado, portanto nossos desconhecidos.

Foi então que eu lhe perguntei:

– Mas como é que eles sabem?

O índio Parintintin pediu-me para escutar um pássaro que piava. Pude ouvir umas duas vezes. Ele então me falou que o pássaro estava, através do seu piado, avisando aos Uru-eu-wau-wau sobre a chegada dos parentes. A cantoria durou mais ou menos uma hora, depois voltamos a dormir.

No outro dia bem cedo, quando me dirigia à cozinha para preparar um chá ou café da manhã, vindo da pista de pouso em direção aos ranchos, um bando de cerca de oito índios, todos eles paramentados e empunhando arcos e flechas. Voltei correndo para avisar os outros companheiros.

Durante muitos anos de convívio com populações indígenas, confesso que esse foi um dos fatos que mais me impressionaram e que me fez refletir sobre o ocorrido, pois fico a indagar: será que existe ou existia entre populações de ameríndios "isolados" alguns sistemas de comunicação através de fatores ou vozes naturais?

Retomando a narrativa, o fato é que logo após a chegada dos primeiros povoadores à área do Sistema do Cerrado, outras levas começaram a chegar.

Altair Sales Barbosa - Doutor em Antropologia/Arqueologia. Sócio-Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. Pesquisador da UniEvangélica, Anápolis. Goiás. Conselheiro da Revista Xapuri. Texto publicado originalmente no livro "O piar da Juriti-Pepena – Narrativa Ecológica da Ocupação Humana do Cerrado". Editora PUC-Goiás, 2014.

Foto: Divulgação/ Jesco von Puttkamer

CHICO MENDES VIVE

Maria Maia

Chico Mendes Vive
Em todo coração
Verde de esperança

Chico Mendes era só coração
como uma criança
Nele cabiam a Rainha da Floresta
A Aliança de seus povos,
suas vidas, suas festas

A Reserva Indígena,
A Reserva Extrativista
São a defesa dos povos que,
no seu ponto de vista
Chico tombou como mártir e herói

Seu corpo o assassino levou
e até hoje dói
Sua alma floresceu e frutificou:
Virou semente entre a gente
a reflorestar Mentes

Maria Maia – Cineasta, escritora, poeta e conselheira da Revista Xapuri.

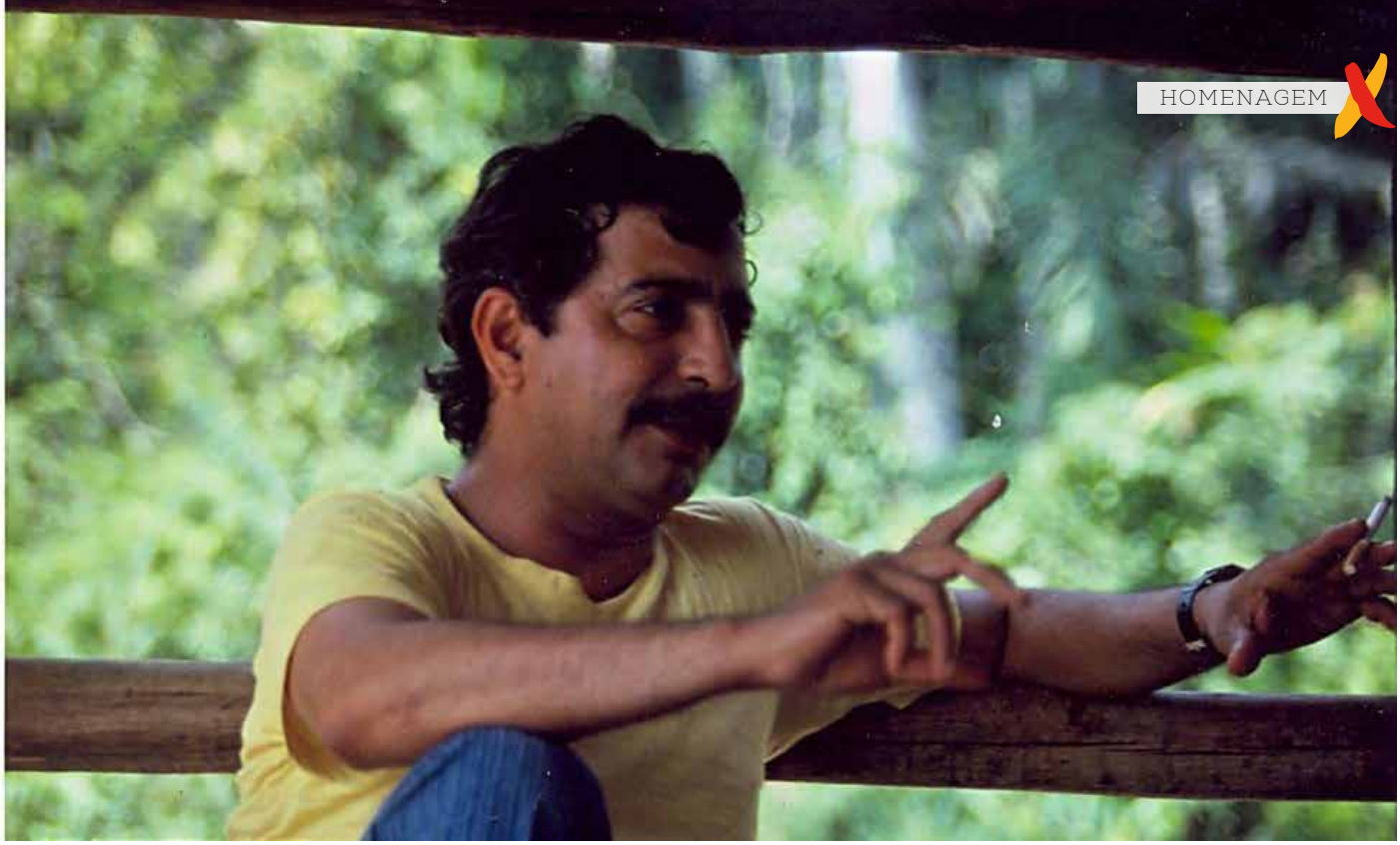


Foto: ivulgação/ João Roberto Ripper

CHICO MENDES:

UM FILHO DA FLORESTA, IDENTIFICADO COM ELA

Leonardo Boff

Chico Mendes é um lídimo filho da floresta, identificado com ela. Cedo se deu conta de que o atual desenvolvimento prescinde da natureza e que se faz contra ela, pois a vê antes como um estorvo que como um aliado.

O Chico foi um dos poucos que entenderam a sustentabilidade como equilíbrio dinâmico e autorregulador da Terra, graças à cadeia de interdependências entre todos os seres, especialmente dos vivos que vivem de recursos permanentemente reciclados e, por isso, indefinidamente sustentáveis. A Amazônia é o exemplo maior desta sustentabilidade natural.

Nós que o conhecemos e com quem privamos de amizade, sabemos de sua profunda identificação com a floresta amazônica, com sua imensa biodiversidade, com os seringais, com os animais, com o mais leve sinal de vida da mata. Tinha o espírito de um São Francisco moderno.

Dividia seu tempo entre a cidade e a selva. Mas quando estava na cidade ouvia fortemente o chamado da selva, em seu corpo e em sua alma. Percebia-se parte dela e não sobre ela. Por isso, regressava de tempos em tempos ao seu seringal e à comunhão com a natureza. Ali sentia-se em seu habitat, em sua verdadeira casa.

Mas sua consciência socioecológica o fazia deixar, por algum tempo, a floresta para organizar os seringueiros, fundar células sindicais e participar das lutas de resistência: os famosos "empates", estratégia pela qual os seringueiros junto com suas crianças, velhos e outros aliados, se postavam pacificamente diante das máquinas dos desmatadores, impedindo-lhes de derrubar as árvores.

Na véspera do Natal de 1988, foi vítima da sanha dos inimigos da natureza e da humanidade. Foi assassinado com 5 balas. Deixou a vida amazônica para entrar na história universal e no inconsciente coletivo dos que amam nosso planeta e sua biodiversidade.

Leonardo Boff – Ecoteólogo e filósofo. Escreveu "Como cuidar da Casa Comum: uma ética da Terra, Vozes 2018. Excerto de matéria publicada em seu blog: www.leonarddoboff.com, em 09/09/2019. Editada por limitação de espaço.

Foto: Deva Garcia

ESPAÇO CHICO MENDES SE CONSOLIDA COMO ÁREA DE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA

Diretoria Colegiada do Sinpro

Menos de um ano após a inauguração do Espaço Educador Chico Mendes da Chácara do Professor, em julho de 2015, o Brasil sofreu um golpe político-jurídico-midiático que negou à presidenta Dilma Rousseff a permanência na principal cadeira do Executivo federal. Entre os vários prejuízos à sociedade brasileira iniciados aí, está o total descaso e ataque ao meio ambiente.

Minimização e negacionismo quanto às queimadas criminosas que devastaram sobretudo a Amazônia foram utilizados sem critério para tentar abafar o drama gerado por uma política de concessões ao agro, aos ruralistas e madeireiros.

Segundo o sistema de monitoramento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), no primeiro semestre de 2021, a área sob alerta de desmatamento na Amazônia Legal foi a maior em seis anos: 3.325 km², quase suas vezes a área do Distrito Federal. Sem falar nas várias iniciativas articuladas junto à Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) para legalizar a grilagem de terras e incentivar a violência e o desmatamento no campo, como o Titula Brasil.

Não por acaso Jair Bolsonaro foi recordista no avanço da destruição do meio ambiente. "Como deputado, em 100% das vezes votei acompanhando a bancada ruralista", disse Bolsonaro em reunião com membros da FPA, em julho de 2019.

Entre as consequências dessa investida está a colocação do Brasil no terceiro lugar do ranking dos países com maior uso absoluto de agrotóxicos no mundo. Até 25 de fevereiro deste ano, foram 1.629 agrotóxicos liberados, vários deles proibidos em outros países devido ao alto grau de risco à vida.

Na contramão de tudo isso, nesses últimos sete anos, o Espaço Educador Chico Mendes da Chácara do Sinpro esteve como resistência. Localizado em Brazlândia, o espaço se tornou-se referência em educação socioambiental. Construído com técnicas como

taipa pilada, pau a pique, superadobe, o local possui sistemas agroflorestais, trilhas com identificação das espécies vegetais, sanitários compostáveis, reservatórios para captação das águas de chuvas que oferecem múltiplas possibilidades para o desenvolvimento de atividades educativas.

"A sustenbilidade ambiental está diretamente ligada aos demais processos econômicos e sociais da vida. Dessa forma, temos sim que cobrar do Estado a promoção e a aplicação de políticas públicas que freiem a devastação inevitável em um sistema de capitalismo selvagem. Mas é também indiscutível a necessidade de pensarmos na cultura do consumo e no papel da Educação neste processo. Um mundo sustentável exige a formação do pensamento crítico", reflete o coordenador de Políticas Sociais do Sinpor-DF, Raimundo Kamir.

Para o sindicalista, nesses sete anos desde o golpe, diante do profundo ataque ao meio ambiente para agradar os anseios do agro e de todo um sistema de proposital destruição da natureza, a figura do ambientalista Chico Mendes é uma das de maior relevância. "Para mim, uma das frases mais importantes de Chico Mendes é a que diz: 'No começo, pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade'. É isso! A luta pelo meio ambiente é a luta pela humanidade e, consequentemente, contra esse projeto que foi implementado após o golpe de 2016."

A importância simbólica e prática do Espaço Chico Mendes é reconhecida pela categoria. A educadora e socioambientalista Iolanda Rocha afirma que "o espaço tem um papel fundamental na formação política da categoria, e representa uma síntese de um trabalho que envolve muitas lutas". "O Chico era sindicalista, ambientalista, e há mais de 50 anos já defendia a Amazônia. Assim como a classe trabalhadora, os povos originários ele sabia que era preciso colocar a vida das pessoas, das florestas, das águas, dos animais no centro das decisões políticas, econômicas e sociais. Este debate socioambiental é tranquilo de se fazer no movimento sindical e o Sinpro tem feito com muita qualidade", avalia.

Desde sua criação, o Espaço Chico Mendes tem sido palco de oficinas, seminários e uma série de formações que conscientizam e instrumentalizam professores, estudantes, trabalhadores de diversas categorias e a comunidade em geral para dar seguimento à luta ambiental. "A ideia é ampliar esse importante papel, na perspectiva da promoção de uma educação eco-pedagógica. E claro, sempre refletindo sobre o papel do Estado na regulação da atuação de processos agrícolas e industriais em grande escala, que geram poluição ambiental, esgotamento de água e a ameaça à vida", diz a coordenadora Administração e Patrimônio do Sinpro-DF, Gilza Lucia.

Próximo ao aniversário de sete anos – número que traz mística própria e única –, o Espaço Chico Mendes da Chácara do Sinpro se consolida como um espaço de resistência e de esperança. Para além de tudo isso, assim como o próprio Chico Mendes, o espaço traz a ousadia e a persistência da luta em defesa do meio ambiente: ele leva à reflexão de que o enriquecimento de uma minoria com a exploração dos recursos naturais não é uma prática apenas dos últimos sete anos, e só será interrompida com a luta organizada.

SINPRO
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL

Foto: Deva Garcia

UMA AFINIDADE DE SER GENTE DA FLORESTA

Marina Silva

O Chico e eu tínhamos a afinidade de ser gente da floresta. Uma afinidade que nem precisava ser dita. A conversa fluía porque era o mesmo universo, a gente sabia quem a gente era, qual era a nossa raiz, o nosso lugar.

Isso me ajudou muito a não descontruir minhas raízes. Lembro-me de quando fui fazer minha certidão de nascimento no cartório. A moça perguntou o local de nascimento e eu respondi: Seringal Bagaço. Ela insistiu para colocar Rio Branco: "Não diga que nasceu no seringal, minha filha, isso é muito feio, as pessoas vão mangar de você". Como eu resisti, ela acabou aceitando contrariada.

Em parte, devo isso ao Chico, que criticava os que vinham para a cidade e ficavam escondendo a origem, com medo de ser considerado feio, analfabeto, ignorante, mocorongo. Para o Chico, ser seringueiro tinha uma grande dignidade e isso devia ser exibido com orgulho. Para mim, o fato de uma pessoa como o Chico pensar assim só reforçou os sentimentos que sempre tive, de nunca esconder minhas origens.

No final de 1988, uma semana antes de eu ir pra São Paulo tentar um tratamento para hepatite B, passei uns dias hospedada na casa do Chico, como sempre fazia.

Hoje, quando penso nisso fico muito emocionada, porque era uma relação de tanta confiança, de tanta fraternidade, que naquela casa pequena, que só tinha um quarto, ele e a Ilza [esposa de Chico Mendes] me abrigavam junto à cama deles, num colchonete, perto das crianças. Na maioria das vezes, na verdade quem ia para o chão era o Chico, e eu ficava na cama com a Ilza e uma das crianças.

Passei uns três dias naquela mesma casinha onde ele foi assassinado. Quando estava indo embora, ele me acompanhou até a rodoviária. A gente ali conversando, ele me disse: "Nega veia" – que era como ele me tratava – "acho que dessa vez não tem jeito não". Eu fiz um gesto de contrariedade, mas ele continuou, muito sério: "Não tem jeito, acho que os cabras vão me pegar".

Saímos andando, num silêncio perturbador. Muito angustiada, tentei achar uma saída: "Por que você não fala com o pessoal de Rio Branco, para fazer uma denúncia?" E ele: "Não adianta, quando faço isso eles dizem que quero me promover, me fazer de mártir. Até os jornalistas fazem piada". Senti uma dor profunda, porque ele estava encurralado, sem nenhuma proteção e desanimado.

Cheguei em São Paulo, fiquei na casa de parentes do Fábio, meu marido, em Ribeirão Pires, atrás de um médico naturopata. Fiz a consulta, ele me prescreveu remédios naturais para a hepatite, e saí bem animada.

Quando foi mais ou menos 10 horas da noite, fazia um frio danado, tocou o telefone. Era o Gilson, primo do Fábio. A primeira coisa que ele me disse foi: "Você fica calma". Eu respondi: "Mataram o Chico Mendes". Ele perguntou: "Como é que você soube?" A conversa acabou ali. Eu não tinha como falar mais nada.

Marina Silva – Ex-senadora, ex-ministra do Meio Ambiente, deputada federal eleita em 2022 pela REDE-SP e amiga de Chico Mendes. Excerto de depoimento enviado a Zezé Weiss para o livro Vozes da Floresta, editora Xapuri, 2008.

CARTA DO I ENCONTRO DOS POVOS DA FLORESTA

Documento Histórico

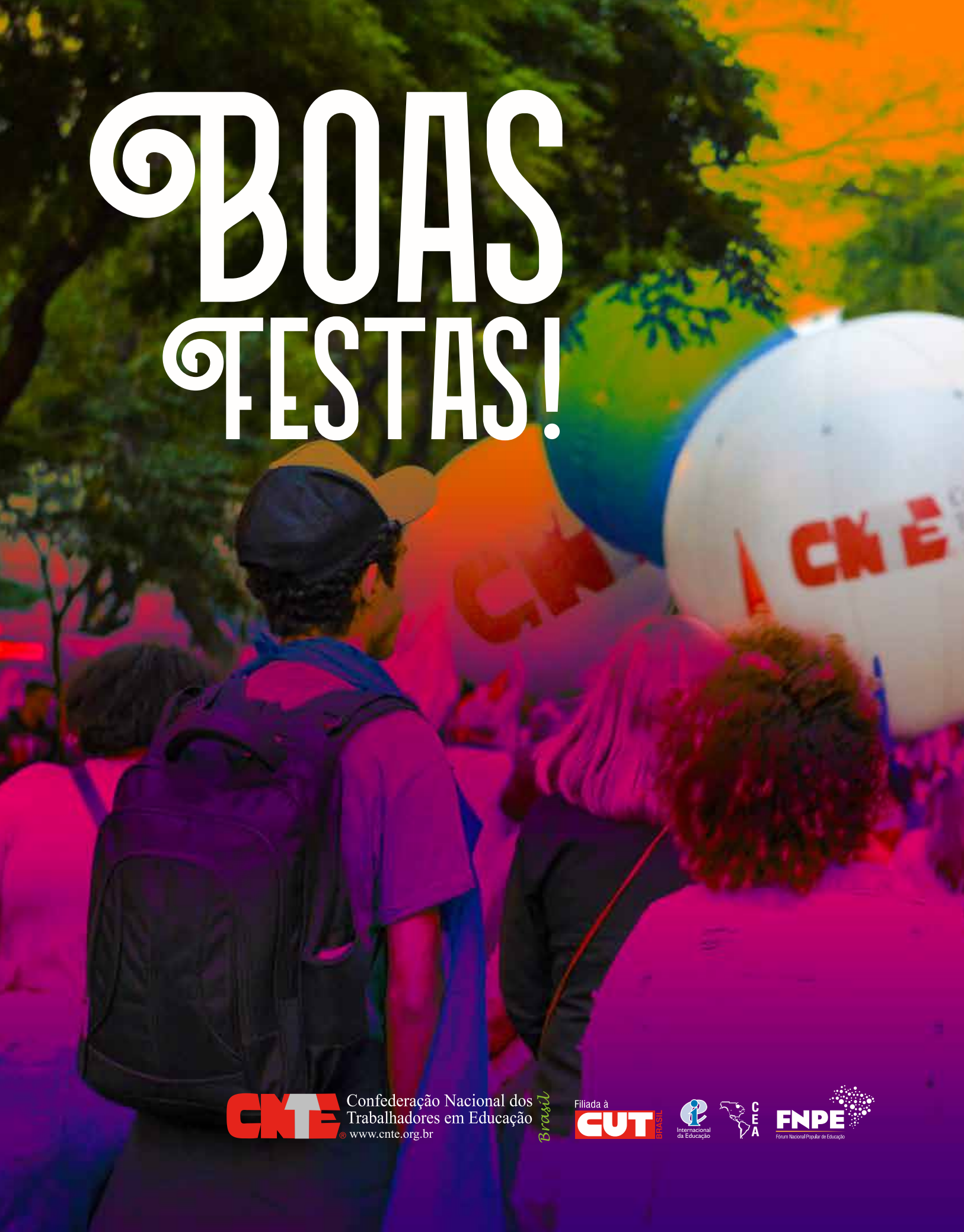
Há muito tempo só havia o escuro.
Os caminhos sempre foram perigosos.
Às vezes os igarapés alagavam. Às vezes faltava o peixe.
Às vezes comíamos bem. Às vezes não tinha farinha.
Notícias, só de vez em quando, nos rádios dos barracões, ou dos regatões.
A dívida consumia todo o trabalho.
Escola era para ser proibida.
Saúde, só pros patrões.
O futuro era alguma coisa que parecia que não chegaria.
Aí, em cima da dor, da terra espinhosa, começamos a cultivar a flor.
A luz passou a ser construída.

A nossa união passou a ser a poronga acesa que alumina o caminho, e nossa luta, mesmo com sangue derramado, do nosso lado, cresceu, e começamos a construir nosso futuro, sem patrão, sem exploração e sem violência.

Hoje nossos filhos começam a sentir que vale a pena a vida, com a nossa proposta de Reserva Extrativista.

E o índio é nosso companheiro nessa caminhada... da qual estamos dando hoje mais um passo com o I Encontro dos Povos da Floresta.

Carta lida por Júlio Barbosa de Aquino, companheiro de Chico Mendes, na abertura do I Encontro dos Povos da Floresta, realizado entre 25 e 31 de março de 1989, em memória de Chico endes, em Rio Branco, Acre, Brasil.


BOAS
FESTAS!
CNTE
Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br
Brasil
Filiada à
CUT
BRASIL
Internacional
da Educação
CEA
FNPE
Fórum Nacional Popular de Educação

A CNTE deseja boas festas
e um ano de 2023 repleto
de avanços e conquistas!
Que possamos seguir
juntos na construção de
uma sociedade justa,
igualitária e democrática.

XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **360**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **600**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE